CINEARTE

ANNO VII N. 328
RIO DE JANEIRO, 8 DE JUNHO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

IRENE DUNNE

LAURENCE OLIVIER
E ANN HARDING
CINEARTE

590-16

Lupe Velez e Melvyn Douglas em "The Broken Wing" da Paramount.

CINEARTE

OS jornaes que temos a vista, francezes, e em grande parte profissionaes, dão-nos idéa do que foi a manifestação solidaria dos proprietarios de Cinema, fechando as portas dos seus estabelecimentos em signal de protesto contra o augmento dos impostos sobre as exhibições de Films.

De facto o exhibidor francez já paga esse mundo e o outro. Taxas sobre o lucro bruto, sobre o liquido, sobre as entradas, impostos de caridade, imposto de consumo de luz e energia electrica, imposto directo sobre o estabelecimento, imposto de industria e profissão para o proprietario, que sei eu! no final das contas o fisco leva mais de 50% do lucro bruto da casa. Do restante tem o exhibidor de retirar com que pague a locação do immovel, das fitas, a illuminação e energia, os empregados, annuncios, tudo... E se sobrar alguma cousa então, guardará para si.

A vida na Europa cada dia que passa, se torna mais difficil.

Na Allemanha, e não sabemos em que paizes mais até, cada pé de arvore frutifera paga um imposto, produza ou não produza frutos, sirva só para o consumo do dono ou para o seu commercio. Os capitaes não sahem. Familias que possuem algo de seu, e desejam emigrar, buscar a sua vida em outras terras em que possam com mais liberdade e menos impostos, empregar a sua actividade, deixam de fazel-o por isso que encontram intransponiveis embaraços á sahida de sua terra em que hão de morrer forçosamente esbrugados até os ossos.

Olhando para essas cousas e lendo as cifras apavorantes dos milhões e milhões de desempregados do velho mundo temos que confessar que para nós o diabo não tem sido tão feio como se pinta.

Mesmo os nossos exhibidores, aqui, muito á puridade, se quizessem falar com franqueza, diriam ao nosso ouvido que a vida não é tão má como por ahi se diz e a gente balança daqui, balança d'ali e mais d'acolá, vae vencendo galhardamente esse mar tempestuoso que só é tempestuoso porque o dinheiro não é abundante como outróra.

Os importadores gemem com o cambio baixo.

Os representantes dos grandes productores "yankees" já chegaram até a falar em fechar as suas portas.

Não o fizeram.

Não o fazem.

Nem o farão, nunca.

Porque isso tudo faz parte da politica commercial.

Para obter um augmento no preço da locação, ou mesmo para evitar uma diminuição solicitada é que surgem esses argumentos temerosos.

Tio Sam sabe perfeitamente o admiravel instrumento de propaganda que tem nas mãos com os seus Films.

Não foi atôa que elle gastou tanto tempo, tanto trabalho e tanto dinheiro na conquista de mercados que ás vezes não lhe dão o menor lucro para desprezal-os agora.

Com todos os sacrificios elles manterão o seu genero nos mercados mundiaes.

Dizia-se outróra que o inglez marchara á conquista da terra com uma biblia em baixo do braço e no bolso uma garrafa de "whisky".

O americano é mais pratico.

Mais pratico e mais moderno.

Avança com um *ford* e um projector de fitas.

Aquillo que o inglez levou 400 annos a fazer, fel-o o americano em dez.

Ora isso tudo pensamos lendo as noticias que nos chegam da França, pormenorisadas agora.

Com todas as nossas difficuldades, com toda a nossa crise tão decantada nos mais variados tons, com todas as necessidades municipaes, estadoaes e federaes que se resolvem a golpes de impostos, não chegamos ainda á decima parte dos males que attingem o velho mundo em todas as suas actividades; essa a grande verdade.

Mas calemos a bocca, antes que o diabo nos ouça.

TOM MIX
E A SUA
NOVA
ESPOSA...

Ella é Mabel Hubbell Ward, famosa nos circos... Sim, é de circo...

Não é nada. Apenas um "tricó-te" de Tom Mix.

Marie Dressler sem Polly Moran...

Humberto Mauro possue uma notavel collecção de chapéos... Raro é o dia em que elle não apparece no studio com um chapéo differente na cabeça e quando ha Filmagens, elle sempre dirige com um chapéo desconhecido, de originalidade que chama a attenção de quantos estão presentes no *set*...

Com a acquisição que fez a "Cinédia", de um grande guarda-roupa, foi preciso manter os chapéos longe das vistas do director de *Ganga Bruta*.

Restabelecido da enfermidade que o manteve afastado dos *sets*, Octavio Mendes já recomeçou á Filmagem de *Onde a terra acaba*, de Carmen Santos, devendo o Film estar prompto dentro de muito breve tempo.

Em Porto Alegre, *A's Armas*, da Cruzeiro, foi exhibido tambem no Cinema Navegantes.

O Campeão de foot-ball, de Genezio Arruda, estreou no Central.

E o Popular, reprisou *S. Paulo*, da Rex, reprise e exhibições estas, cujo successo a t t esta mais uma vez o agrado dos Films brasileiros, contradizendo á má vontade que muita gente por ahi affirma, existir para com o nosso Cinema...

Durante a Filmagem de "Alma do Brasil" da Fam Film de Campo Grande, Matto Grosso: Daniel de Souza, Alexandre Wulfes, operador, Conceição Ferreira, Libero Luxardo, director, e Egon Adolpho.

Em Varginha, no Estado de Minas, foram exhibidos *O babão* e *Anchieta entre o Amor e a Religião*. E agora vão ser exhibidos — *Iracema, A's Armas!*, e *Mulher*.

Em Valença (Estado do Rio), tambem os Films brasileiros tem sido exhibidos constantemente e ultimamente, depois do successo de *Mulher*, que esteve no cartaz dois dias, foram exhibidos em reprise — *Iracema*, *Piloto n° 13*, e *Escrava Isaura*. A' proposito conversamos, um dia destes, com um valenciano e elle nos contou o enthusiasmo que se acham possuidos os "fans" locaes, depois que conheceram pessoalmente os artistas da "Cinédia", que ali foram assistir a "primeira" de *Mulher*.

Flagrantes do Cinema Brasileiro, que colhemos na Avenida...:

Carmen Santos, numa linda "toillete", fazendo compras na "A Imperial"...

Carmen Violeta e Carlos Eugenio, tomando um "cocktail" no "Bellas Artes"...

Durval Bellini, abraçado por varios "fans", no dia do seu anniversario natalicio...

Estão quasi concluidas as obras do novo e grande laboratorio dos studios da "Cinédia".

Sergio Barretto Filho foi convidado por Humberto Mauro para apparecer numa "ponta" em *Ganga Bruta* e não perdeu occasião para fazer girar a manivella da sua camera de amador, apanhando aquelle dia de Filmagem no "stage" da "Cinédia"... O interessante é que quando chegou o momento delle trabalhar, não quiz deixar de Filmar, tambem, as "suas scenas"... e pediu a Durval Bellini para ser o operador. Mas não se seduzam os nossos amadores, porque essa concessão, não foi muito facil para Sergio Barretto obter de Adhemar Gonzaga...

Além das duas montagens já promptas, está sendo erguida no palco da "Cinédia", mais um *set* para a Filmagem de *Onde a terra acaba*, o Film que Carmen Santos está estrelando. Ao contrario dos outros dois, este agora é um interior luxuoso, com mobiliario modernissimo, tudo construido especialmente para o Film. Dizemos assim, para mostrar como já se contróem montagens importantes...

A' proposito de *Onde a terra acaba*, o seu director Octavio Mendes, tem um dos papeis do Film.

Tambem a "Cinédia" está montando um novo *set* para *Ganga Bruta*, que é, um dos interiores mais interessantes que tem sido construidos para os nossos Films.

Nestes ultimos seis annos, foram produzidos no Brasil, cerca de 76 Films. A nossa producção nesse periodo está assim distribuida: S. Paulo, com 37 Films; Rio de Janeiro, com 11 Films; Minas Geraes, com 11; Recife, com 9; Porto Alegre, com 5; Estado do Rio, com 2; Alagoas, com 1. Todos esses Films foram exhibidos, sendo que 4 delles tiveram copias vendidas ao estrangeiro.

O director que mais Films dirigiu, foi Humberto Mauro. Não houve uma empresa que produzisse o maior numero de Films, porque houve um empate... da Phebo, com a Syncro-Cinex, ambas apresentaram 4 Films, cada uma.

Celso Montenegro

Durante a visita de Crizetta Moreno ao "Cinédia Studio"

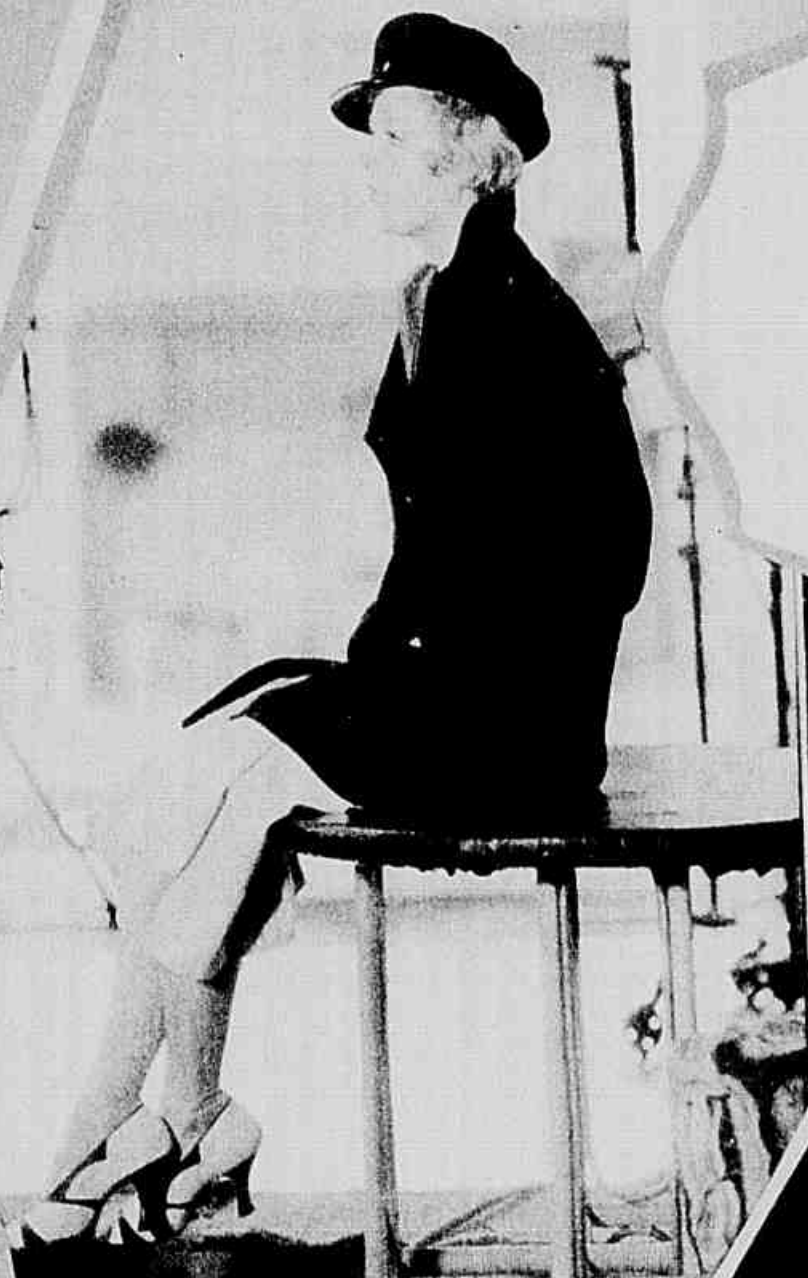
CINEMA BRASILEIRO

Cine-Revista, uma publicação que acaba de surgir em Porto Alegre, como orgão de publicidade dos Cinemas daquella capital, apresenta uma orientação que foge das normas das publicações congeneres, pois tambem está publicando artigos sobre o Cinema Brasileiro, estimulando-o, de autoria de varios *fans* locaes. Esse gesto sympathico, merece louvores, sem duvida alguma.

— oOo — oOo —

:-: O elenco de "The Old Dark House", outro Film mysterioso da Universal, inclue os seguintes nomes: "Boris Karloff, Melvyn Douglas, Gloria Stuart, Lillian Bond, Ernst Thesiger, Eva Moore e Charles Laughton, estes tres ultimos inglezes, assim como inglez tambem é o director, James Whale.

:-: Louis Brock, que, em tempos, foi representante da First National, no Brasil, já iniciou o seu programma de comedias, que serão Filmadas sob sua supervisão. Nellas, apparecerão Harry Sweet, Monte Collins e Ed. Kennedy. As comedias são produzidas para distribuição da R.K.O.-Radio.

Marion...

Ella pode não ter muitos "fans", mas os seus Films...

Entrevistando um director Rouben Mamoulian...

Ha dois annos, mais ou menos, assisti a um bom Film — "Applausos", de que era "estrella", Helen Morgan, essa cantora inimitavel de *blues*, que New York consagrou e que o mundo inteiro teve a felicidade de conhecer, atravez esse trabalho da Paramount. O director do Film era um nome desconhecido para mim, pois com aquella producção elle se iniciava na difficil arte do Cinema. Gostei do Film, pelo desempenho de Helen, mas. sobretudo, pela direcção de Rouben Mamoulian. Foi realmente surprehendente — tratando-se de um novato. Rouben, até áquella data, dirigira e montára, apenas, peças theatraes. O seu nome para mim nada dizia; mas momentos após haver assistido a "Applausos", elle começou a fazer parte de uma lista especial do meu agrado, onde estão os nomes de Griffith, King Vidor, Von Stroheim, Clarence Brown, John M. Stahl, Milestone, Lubistch e Joseph Von Sternberg...

Logo que cheguei a Hollywood, assisti a "Dr. Jekyll e Mr. Hyde", a versão falada de um velho successo Cinematographico, que serviu para John Barrymore, ha um bom par de annos, alcançar um dos grandes exitos da sua carreira.

O nome de Mamoulian, esse director armenio, voltou, novamente a surgir deante dos meus olhos, na tela. Era delle a direcção soberba desse Film. Um senso de composição admiravel acompanha o Film desde a primeira á derradeira scena; os ambientes adaptam-se aos varios caracteres, aquelle jogo de luzes e sombras, a movimentação, a continuidade — tudo nessa esplendida super-producção da Paramount impressiona, elevando ainda mais alto o nome desse director.

Perdi "Ruas da cidade" (City Streets), exhibida, recentemente no Rio, e pela critica do meu collega da *Tela em Revista*, vim a saber que esse Film não desmentiu as qualidades e os meritos de Mamoulian.

A direcção de "Dr. Jekyll e Mr. Hyde" continuava a permanecer gravada na minha retina e, todas as vezes, que entrava nos studios da Paramount, procurava entre as pessoas que passavam á minha volta esse director... E' que, como vocês, caros leitores, já perceberam — aqui estou mais como um *fan* ardente do que como jornalista...

Conversando, então, a proposito de Mamoulian e do seu ultimo trabalho, no studio, pedi uma entrevista com elle. Concederam-m'a immediatamente e, no dia seguinte, estava eu á espera que elle me recebesse no seu escriptorio.

Na ante-sala, aguardei alguns instantes. Um movimento desusado se verificava ali. Sobre a mesa da sua secretaria, a todo momento, vinham empilhar-se planos, papeis, sketches de montagens, musicas escriptas á mão e enviadas pelo departamento musical. Da secção de costura, chegavam os modelos de lindos vestidos e, vi mesmo retalhos de fazenda, tecidos, brocados...

A secretaria conversou uns minutos commigo: "Mr. Mamoulian inicia, dentro de dois dias, um Film de Chevalier e Jeanette MacDonald — "Love me To-Night" e, como vê, a actividade aqui é um facto..."

Uma campainha retiniu. Era o signal de que elle estava ás minhas ordens.

Lancei os olhos pelo espaçoso escriptorio de Rouben Mamoulian. Decorado elegantemente, mas sobrio. Ao fundo, apertados numa estante que corria pela parede, as lombadas de varios livros. Mais a cima, uma jarra com flores. Retratos de Helen Morgan, Frederic March, Rose Hobart a elle dedicados. No muro, bem junto a sua secretaria, numa moldura escura, a photographia de duas creaturas muito caras a elle — seus paes.

Rouben Mamoulian é um homem bem moço, apparentando trinta e poucos annos. Usa oculos de tartaruga, que lhe dão á physionomia um ar agradavel e inspirador de immediata sympathia.

Sentei-me, attendendo ao seu offerecimento, que me indicava uma commoda poltrona, bem junto á sua secretaria de trabalho.

Vendo que não havia cigarros no pote de crystal, sobre a mesa, levantou-se e os foi buscar a uma linda caixa, bem trabalhada. Um objecto de fino gosto.

"Mr. Mamoulian, assisti á exhibição de "Dr. Jekyll e Mr. Hyde" e tamanha foi a minha impressão que pedi uma entrevista. Prdôe-me, sei quanto está atarefado, preparando o seu novo trabalho."

"Nada disso", disse-me elle. "Aqui estou ás suas ordens e o seu interesse no meu trabalho, só me lisonjeia. Quando me perguntaram se o poderia receber, accedi de bom grado, tratando-se de sua revista. Esteja á vontade e conversemos que só me dá grande prazer." foram as suas primeiras palavras a "Cinearte".

Olhei-o bem. Rouben Mamoulian tem um typo fino, de pessoa de educação esmerada. A

sua palestra demonstra cultura, conhecimentos. Elle dá a impressão perfeita do homem viajado, vivido. Moderno, elegante de maneiras, entremeiando á conversa momentos de bom humor, falando pausadamente e reflectindo sobre o que vae dizendo e contando.

Os que com elle falarem, outra impressão não a podem ter. Mamoulian é um "gentleman", bem differente de muitos directores que a profissão nos põe no caminho.

Dá gosto estar-se ao seu lado e se elle, realmente, estava atarefado com os preparativos do seu Film, nada deixou transparecer. Conversou commigo, longamente, dando-me uma entrevista interessante e, ao mesmo tempo, tendo o trabalho de narrar-me o enredo do novo vehiculo que servirá, seguramente, para dar a Chevalier e Jeanette MacDonald novas glorias.

O seu temperamento artistico, Rouben herdou-o da parte materna. Madame Mamoulian, em Tiflis, no Caucaso, era a presidente do Theatro Armenio, interessando-se, de coração, com sentimento por todo movimento artistico da Europa. Seu pae era banqueiro. Della, certamente, Mamoulian não recebeu essa vocação artistica, que lhe abriu uma estrada brilhantemente seguida... Mas, quem sabe se o instincto commercial que elle sabe misturar ao lado artistico de seus Films, não lhe veiu do sangue paterno? Os seus trabalhos são successos de bilheteria, merecendo, entretanto dos criticos as mais altas cotações.

"O meu ultimo Film foi um drama. O meu proximo será uma comedia..." disse-me elle sorrindo.

"De "Dr Jekyll e Mr. Hyde" para "Love me Tonight", ha uma differença enorme. Vou tentar dar a este novo trabalho um toque artistico, poetico, direi melhor. Será um conto de fadas, em roupas modernas — ao som de musicas dos nossos dias e com interpretes como Chevalier, MacDonald e Charles Ruggles. Procurarei dar toda a simplicidade dos contos de fadas, toda a belleza, a poesia dessas historias singelas, puras, ternas e apaixonadas. Terei tambem innumeras scenas exteriores. O Cinema precisa de acção, movimento..."

"Isto faz-me lembrar os primeiros Films falados — dramas enfadonhos, dialogados entre as quatro paredes de uma sala por dois ou mais personagens..." aparteei eu.

"Sim, no principio foi assim. Mas o Cinema caminhou muito. Já se attingiu, nos dias de hoje, com a technica dos Films falados, aquella mesma sequencia de movimentos, rapidos, aquella acção intensa que era o segredo dos velhos trabalhos silenciosos.

Neste Film terei caçadas, festas ao ar livre. A natureza nelle terá parte activa, tambem. Combinarei gente e coisas, a belleza das florestas, a poesia dos campos, a ternura de um pôr de sol e o romance de uma noite de luar..." Cada vez me sentia mais intrigado pela palestra de Rouben Mamoulian, que ia desfiando a sua narrativa com tanta belleza que deante dos meus olhos aquelles quadros, meras imagens, se animavam, tomavam forma — viviam!

"Chevalier é um alfaiate elegante de Paris. Um duque, da velha nobreza da França, fincado no seu brazão de glorias e feitos heroicos, acha-se ás portas da ruina. Mas, para elle a miseria não existe. Ordena ternos, faz encommendas na loja de Chevalier. Este, em determinado dia, vae ao vetusto castello cobrar a conta. O duque é o velho rei... Chevalier o plebeu — o pagem vagabundo, sem nobreza.

As tres irmãs do duque, velhas e aristocraticas, são as tres bruxas das lendas infantis.

Vou tentar uma coisa neste Film. Estas tres personagens falarão em verso solto... A phrase de uma rima com a observação da outra e, assim, ellas encarnarão as figuras lendarias dos contos de fadas.

O pessoal technico e os artistas de "O Medico e o Monstro", fizeram esta surpresa ao Rouben no dia de seu anniversario.

Chevalier não consegue receber o dinheiro do duque. Este, procurando uma solução para o caso, pede-lhe que passe alguns dias, hospedando-se no castello, pois irá obter o dinheiro, afim de satisfazer ao compromisso. Chevalier passeia pelo immenso parque e vê Jeanette — a princeza! Num instante apaixona-se pela sua belleza, pelo seu encanto. Elle, porém, é plebeu e ella uma joven de sangue nobre...

Recusa, portanto, acceitar o convite do duque, mas ao saber que Jeanette é sua sobrinha, deixa-se levar pelo seu sangue ardente de moço apaixonado e fica... Char-

(Termina no proximo numero)

Os paes de Rouben Mamoulian foram de Paris a Hollywood para visital-o. O Snr. Zachary Mamoulian foi, durante muitos annos, o presidente dum banco em Tiflis, Caucaso, e a Snra. Mamoulian presidente do "Theatro Armenio" durante 15 annos.

Um pic-nic no rancho de Russell Gleason. Ahi estão Ken Maynard, Neil Hamilton e Senhora, Dorothy Dix, Donald Cook, Ruth Weston e Mary Forbes.

Virginia Bruce (a noiva de John Gilbert) e Richard Arlen em "Sky Bride" da Paramount

Harpo Marx e o "Ping."

Pergunte-me outra...

CELY NOMARA — (Rio) — De facto, o livro tem esse defeito, mas o autor não podia deixar de tel-o... porque o livro é differente de quantos tem apparecido sobre Hollywood e o unico que revelou verdades nunca reveladas... E note que elle ainda não contou as verdades mais importantes! O proximo, **Chuva de estrellas**, tratará das entrevistas com artistas e muitas dellas são inéditas. Interessante a sua carta, como sempre, Cely. Volte breve!

OTTO BITTENCOURTH SOBRINHO — (Bahia) — Continúe enthusiasmado e admirando o nosso Cinema, porque elle é quem tornará o Brasil conhecedor de si proprio e orgulhoso da sua nacionalidade. Já falei ao Marinho sobre o livro.

AIME' ON — (Ita) — O Film está paralysado porque o director adoeceu. Logo que este se restabeleça será continuado. E estará prompto, dentro em breve. O meu retrato nunca sahirá porque não quero matar esta illusão bonita que os leitores tem. E demais eu estou muito velho, com o rosto muito antiphotogenico. Para photographar-me teria de recorrer aos productos do Max Factor e o Humberto era capaz de aproveitar-me para typo da taverna de **Ganga bruta**... O resultado do concurso sahirá breve.

ALPHA-GAMA-BETA — (Rio) — Você tem razão em certos trechos da sua critica e em outros não tem... As scenas da subida do morro, não tem influencia nenhuma! Foram imaginadas dois annos do Film a que se refere.

FAN DE LUIZ SORÔA — (Canindé) — Se você tem preguiça de escrever, eu é que irei fazel-o...? Ora essa!

TAPUYA ROMANTICA — (Rio) — Cinearte tem publicado muita cousa de Joan Crawford...

LUDWIG — (Parahyba do Sul) — **Mata Hari** será exhibido breve. Nada sei de Joseph Schildkraut. Mas John não está mal em **Grande Hotel**...

ZÉZÉ SUSSUARANA — (Jacarehy) — A critica de **Mocidade** não sahirá. O Film não foi exhibido no Rio. Interessante a sua carta, como sempre. O folhetim está esplendido! Mostrei a sua carta ao Pery, que agora está aqui e elle achou muita graça, porque nunca pensou em escrever **scenario**... Volte breve, Zézé! Espere a resposta para escrever novas cartas.

DIANA — (Rio) — Ernani está em Portugal... Eu tambem lhe quero muito bem, Diana. Conheço uma pequena da rua S. Januario, que tem pelo Ernani, uma paixão igual á sua...

BASTOS MORENO — (Recife) — O director foi Octavio Mendes. Joaquim Garnier é que fez questão que o seu nome sahisse no Film, como director. Já tinha lido o recorte.

KISS WHITE — (Maceió) — Está bem amiguinha "beijo branco"... Mas escreva devagar... para não ser "miss."Ou então, escreva sempre depressa...

JULIEN — (Catanduva) — Nada tem que agradecer, eu estou aqui é para **responder outra** aos leitores de **Cinearte**, sempre. O que eu exijo delles é esperarem sempre as respostas para escreverem de novo... O successo dos nossos Films, cada vez está mais evidente. E dentro de breve tempo ninguem mais o contestará...

ALCIDES AFFONSO — (Rio) — Não é difficil você realisar o seu desejo. A questão é esperar a sua opportunidade. Mande o seu retrato para a Cinédia, á Rua Abilio, 26 e espere até o seu typo ser procurado para um papel. Todos podem ser artistas e você tem a vantagem de estar no Rio. Envie a sua photographia e endereço e fique aguardando a opportunidade.

R. C. PESSOA — (Recife) — Meu amigo, até hoje eu ainda encontro gente que diz que Cinema Americano é só "Cow-boys." Ora, em se tratando do nosso Cinema, não se deve discutir porque ha uma serie de cousas que só podem ser comprehendidas por quem conheça bem a sua situação. "Mulher", foi bem elogiado pela pessoa a que se refere. Cinema não é apenas uma arte. E' politica e educação e o nosso tem que ser constructivo. Quando se apresenta um lindo ambiente, com um par bem vestido, acham logo que é americanismo. O assumpto, encerra mil considerações que, como ja disse, não se deve tocar. Deixa o tempo passar mais um pouco. Um homem que acha Buster Keaton, descipulo de Carlito é capaz de tudo.

MARIO ROMUALDO — (Bello Horizonte) — Não convêm mexer mais neste assumpto, mesmo porque não tem tanta importancia assim. Então "Alvorada de Gloria" levou ahi a 3$500 a poltrona...?

JOSÉ CARDOSO MARQUES — Sim é uma questão de rithmo da Taça Schneider...

CHARLES BOW — (Recife) — Vou remetter a carta para elle.

ATA CAROLE — (Rio) — 1.° — Não me lembro desse Film. Se faz muito questão torne a perguntarme, pois depende de uma pesquiza. Mas pela collecção de "Cinearte", poderão encontrar o titulo, na critica do Film. 2.° — Octavio Mendes que estava escrevendo, adoeceu. Eu não deixo de reparar tudo isso "Ata."

X-33 — (Recife) — Você não é exquisita não. E mesmo que o fosse, seria defeito? Pelo contrario uma qualidade. Greta, Marlene, Tala Birell, não o são? Barbara La Marr não era admiravel justamente pelo "exquisitismo" do seu typo... Demais para Cinema a belleza é assumpto secundario! O que é necessario é photogenia. Eu fico contente com o que você diz mas temo que vae dar um passo bastante em falso... Não se precipite. Posso garantir-lhe — e infelizmente cumpre-me advertir-lhe assim! — que terá duas desillusões: uma na minha pessoa e, muito differente do que a amiguinha suppõe...; outra na realisação do seu desejo. Não deixe o conforto que tem ahi na sua terra por uma aventura quasi identica á dos "extras" de Hollywood... Tenha calma e aguarde a sua opportunidade para vir. Eu gosto de você e não precisava enviar-me a photographia. A melhor prova é o conselho sincero que lhe estou dando. Aproveite-o porque é dado por uma pessoa com experiencia. Isto sim. Envie e aguarde ser necessitada. Até logo "X-33"...

REX BRAND — (Rio) — Está na Tiffany. Naturalmente os Films virão ao Brasil.

HEIVISÚ — (Valença) — Eu tambem tenho sido Filmado pela "grvppe"... Ella tem andado terrivel... Espero você e... a leitôa...

MARQUEZ DE AUCI — (Rio) — Envie retratos e todos os dados possiveis.

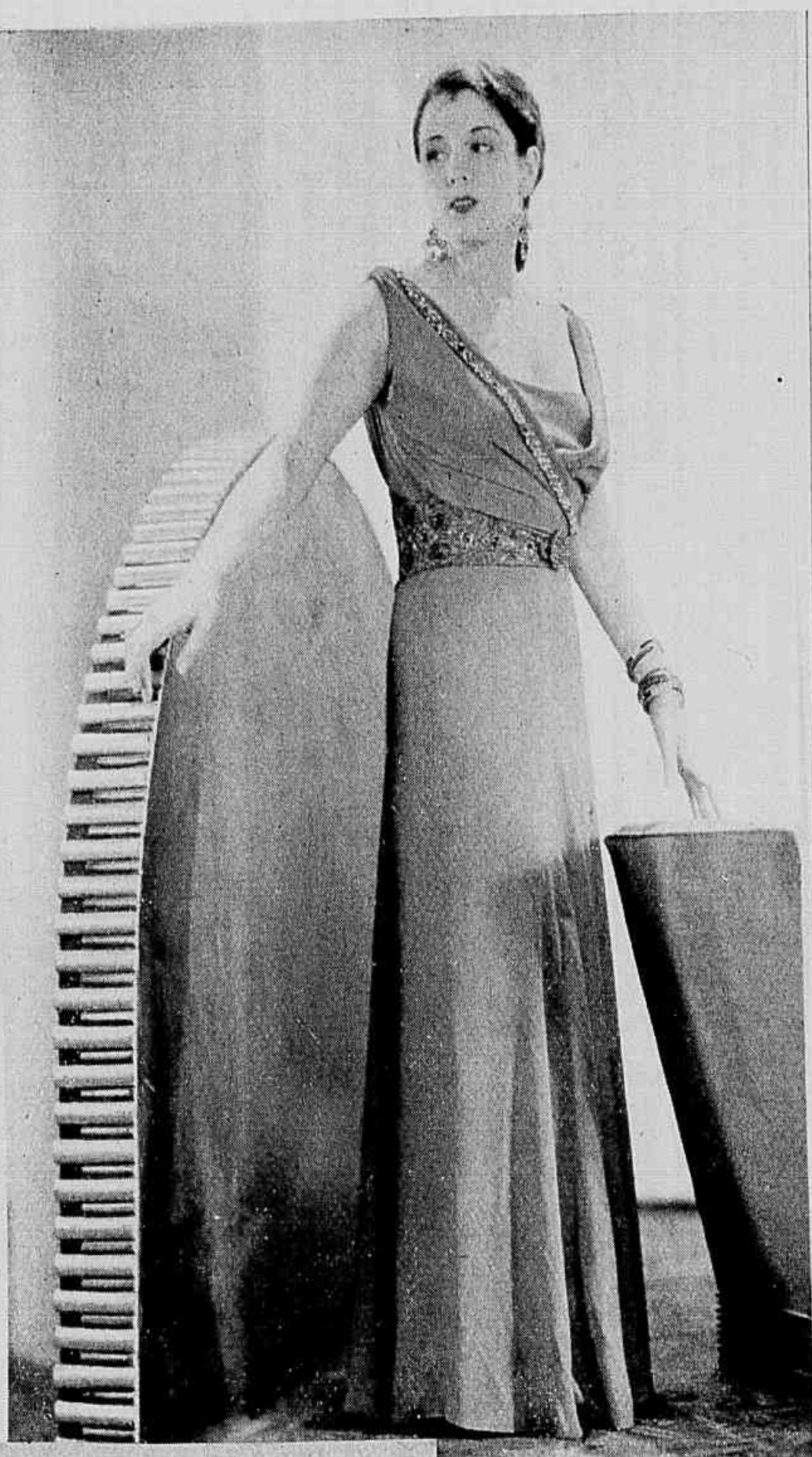
C. G. C. — (Botucatú) — Dirija-se ás nossas companhias productoras, enviando-lhes retratos e demais dados.

LELI-RENÉ — (Porto Alegre) — Tenho aqui duas cartas suas e assim é impossivel responder a todos. Espere sempre a resposta para tonar a escrever. E a sua resposta em questão já sahiu... Não foi pelo que julga e não foi por causa da Lú... como você pensava. Não sei os endereços de Lilian e Dóra. Sim, Lilian promette muito! Tambem sou "fan" della... A "Cinédia" aproveitará todos os bons elementos, sem duvida. Mas dê tempo ao tempo... Os retratos que pede sahirão numa das proximas capas... Então "Alvorada de Gloria" encheu o Cinema Baltimore? Estão vendo?...

OPERADOR

O Cinema Brasileiro nunca talvez tenha apresentado uma figura tão excepcional como a de Durval Bellini em "Ganga Bruta", da Cinédia

Lita Chevret apparecerá assim num Film da Radio. Mas o vestido é azul e não é radio. .

Rochelle Hudson

Carole

ESTELLE TAYLLOR está sem sorte

OS que acompanham o noticiario dos jornaes de Los Angeles, sabem, perfeitamente, que numa dessas passadas noites, quando voltava de um baile que se celebrára num Hotel de Los Angeles, Estelle Taylor teve a pouca sorte de ver seu carro derrapar no asphalto molhado e, depois, atirar-se ao encontro de uma arvore, fazendo com que ella batesse com muita força na capota do carro, machucando-se seriamente, o que apenas depois se averiguou. Ha mais cousas sobre o caso e estas, que a noticia resumida então não explicou, aqui estão. (Resta saber uma cousa: — em que estado vinha a "chauffeuse", a quantos kilometros e em que companhia... E isso é difficil, convence-se, principalmente quando o carro vem de um "baile" num Hotel de Los Angeles...)

oOo

Quando Estelle deu entrada no Hospital de Hollywood, sentia uma grande dôr na nuca. Além disso, um córte profundo no couro cabelludo, sangrando abundantemente, inspirando cuidados. O medico da policia — pois foi no Prompto Soccorro de lá — admirou-se da coragem que sentiu e notou na paciente. Elle já lidára com outras "estrellas" de Films, em situações semelhantes ou quasi semelhantes e, assim, extranhou. O que principalmente ellas perguntavam, afflictas, logo, é se "ficaria alguma cicatriz". Ou então, outras já mais argutas, — "chame meu advogado, por favor, sim?". Estelle, no emtanto, olhou-o serenamente e apenas disse, absolutamente calma e com um risinho de tróça.

— Vamos, doutor! Feche logo isso que eu estou sentindo que me vaso toda!

Quando lhe chegaram o ether para cheirar (imaginem "certos" outros ou outras", no logar della... pediriam ao medico a morte comtanto que cheirassem esse ether...). Estelle tinha algumas importantes offertas, justaria anesthesico algum. O medico, portanto, passava de admiração em admiração.

Alguns dias depois, conduzindo-a para casa, o medico lhe disse, conselheiro, que não devia, absolutamente, mover-se ou trabalhar durante umas quatro ou cinco semanas. Estelle tinha alguma importante offertas, justamente e, assim, com ella mesma pensou não dar attenção ao conselho e, assim que lhe fosse possivel, pôr mãos á obra. Além disso, para cantar, tinha tambem offertas para algumas estações de radio e, dessa maneira, bôas opportunidades para ganhar dinheiro.

Em casa, no emtanto, quando justamente pensava em rumar novamente as cousas para seus interesses financeiros, começou a sentir violentas e continuas dôres de cabeça, apesar de nada sentir de anormal em si. Relutante embora, permittiu que fosse tirado raio X do trecho dolorido, comprehendido na base do pescoço á cabeça. A prova mostrou que ella tinha partido a vertebra cervical. Ou antes, falando claro, tinha quebrado o pescoço!

Nesse dia, justamente tinha ella em mãos um contracto com a Universal, para figurar ao lado de Lew Ayres, Mae Clarke e Boris Karloff no Film *Night Club*, dirigido por Hobart Henley.

De novo voltou ao Hospital e, lá, ainda essa vez não admittindo ella anesthesico algum, suspenderam-na pelo pescoço, unico meio melhor para a operação e, depois, ajustaram o osso fracturado, para, em seguida, collocarem-na no local onde devia receber a mascara de gesso para a quebradura. Quando alguem ali lhe perguntou porque regeitava ella um anesthesico, disse ella, sempre interessante nas suas respostas:

— O pescoço é meu, não é?

— E'...

— O penduramento, ali, é meu tambem, não é?...

— E'...

— Nesse caso, se eu dormir, quem ficará para constatar o "estrangulamento"?... Eu!... Quer testemunha melhor?

Ficou tão apertado o molde de gesso, que ella mal podia engulir. A pressão que aquillo começou a exercer sobre seu pescoço, pôl-a adoentada. Durante tres dias ella nada poude comer. Afinal elles resolveram quebrar o gesso, já que aquillo se fazia insupportavel e, em seguida, collocaram-na numa especie de armadura de couro e aço, adherente á um apparelho que ficava bem sobre sua cabeça e que a apertava continuamente, dia e noite. Aquella posição e aquelle martyrio eram indispensaveis á sua cura completa. Quando ella dormia, para evitar qualquer movimento inopinado, prendiam-na toda com saccos cheios de areia e especiaes para isso e, assim, evitavam que ella se mexesse e, assim, estragasse o trabalho longo que a cura vinha operando a semanas, embora lentamente.

Apesar de todo esse azar, Estelle Taylor ainda não perdeu nada da sua fé que não cessa e do seu bom humor que é perenne. Tem recebido dezenas de telegrammas, cartões, cartas, flores, presentes e, dessa forma, prova o quanto é estimada, o que muito a sensibiliza. Arranjaram, amigos seus com idéa de um rapaz do almoxarifado de um Studio que muito a estima, uma especie de estante pensil á qual póde ser collocado um livro para que ella ao menos assim se distraia. Estelle, no emtanto, espera uma mensagem, apenas. Aquella que está faltando e que ainda não chegou...

Quando se noticiou o accidente, os reporters procuraram Jack Dempsey, logo e lhe perguntaram qualquer cousa a respeito, como ex-marido della. Disse elle que sentia profundamente o acontecido e que lhe tinha enviado um telegramma de sinceros votos de restabelecimento. O publico leu a respeito desse telegramma e sentiu uma onde de sentimentalidade, no mesmo. Até hoje, no emtanto, o mesmo não chegou ao seu destino... (Aliás é costume de muita gente boa escrever ou enviar notas ou telegrammas a amigos ou inimigos, sem que essas "cartas", telegrammas ou noticias cheguem e passem além das proprias gavetas e imaginações... Muitos, mesmo, exhibem a "carta" ou telegramma que "mandaram" a meio mundo, quando jamais tiveram a coragem sufficiente para realmente mandar...)

Chorará Estelle com mais essa desillusão? Não.

Estelle ri e diz, sorriso de ironia, que

— ... até acho muito engraçado!...

Pedro, o Pequeno Corsario, é o titulo do romance que "O Tico-Tico" está publicando, desde 16 de Março, o mais sensacional de todos os romances de aventuras e viagens.

Esse romance é a narrativa de empolgantes episodios verificados na memoravel guerra de 1758, entre a França e a Inglaterra, com um valoroso grumete francez. A audacia, o denodo, o ardil, a intelligencia, a bravura e a gloria, reunidos no mais extraordinario romance de aventuras.

— Resigna-te, meu filho! Vae orar, que Deus te alliviará o teu mal...

— Padre, o homem que eu matei — não consigo apagar da memoria o instante horrendo em que o apunhalei!! Que cousa horrorosa! — era musico como eu. Encontrei na sua trincheira trechos de musica e varias cartas da sua familia — esta familia que hoje não o póde ter ao seu lado, porque eu o roubei della! — recordo-me do seu nome — Walter Holderlin... Eu irei confessar o meu crime aos paes delle! Serei perdoado, talvez... ou nunca! — mas a minha consciencia ficará mais livre. Não procederei bem, indo falar-lhes...?!

— Vae Paul, elles hão de perdoar-te. Deus te acompanhará!

O rapaz partiu, sem perda de tempo para á cidadezinha onde moravam os progenitores de Walter. E elle pensava como havia de chegar perto dos Holderlin, e dar-lhes a triste noticia. Queria tambem, depositar flores no tumulo do seu ex-inimigo. Sim, só este gesto, se elle realizasse, parecia-lhe, seria um balsamo para a sua consciencia. "Elle ha de ver como arrependo-me de tel-o bayonetado; e ha de surgir na minha retina ajudando-me a vencer o remorso" — pensava Paul.

Ao chegar na cidade, a sua primeira preoccupação e o seu maior empenho, foi adquirir as flores mais bonitas que poude, para levar ao tumulo do soldado allemão. E pela primeira vez, depois da guerra, o seu coração experimentou uma alegria intima, sincera, quando depositava na sepultura de Walter, aquella porção de flores, com que exprimia a saudade profunda que elle sentia do homem, a quem assassinara no assalto ás trincheiras germanicas.

E em seguida elle orou, demoradamente, chamando a attenção de varias pessoas presentes no cemiterio, cau-

(BROKEN LULLABY)

Film da Paramount

Dr. Holderlin .... Lionel Barrymore
Elsa .... Nancy Carroll
Paul .... Phillips Holmes
Senhora Horderlin .... Louise Carter
Schultz .... Lucien Littlefield
Walter .... Tom Douglas
A criada .... Zasu Pitts
O sacerdote .... Frank Sheridan
Bresslauer .... George Bickel
Senhora Müller .... Emma Dunn
O pae de Fritz .... Reginald Pasch

Director: — ERNST LUBITSCH

— Que a paz que acaba de descer sobre a Allemanha e todas as nações, hontem nossas inimigas, seja duradoura indefinidamente! Esqueçamos, os odios de dias atraz, gerados nestes quatro annos de miserias para a humanidade e procuremos amar o nosso proximo, como a nós mesmo, respeitando o mandamento de Deus Nosso Senhor, meus filhos...

Foram as ultimas palavras do padre, dando por finda a cerimonia religiosa que era celebrada naquelle dia, em acção de graças pelo fim da guerra, na cathedral da cidade.

A enorme assistencia começou a retirar-se do templo.

O sacerdote depois de despir os paramentos ecclesiasticos, ia deixar a igreja, quando ouviu, uma voz no interior da mesma e voltou á nave, para vêr quem era a pessoa que ali ficára.

Um dos fieis que assistira á cerimonia, se deixara ficar, ajoelhado no seu banco e visivelmente perturbado pronunciava palavras de desespero...

O sacerdote chegou-se a elle e bondosamente procurou saber o que lhe ia n'alma, para estar naquella afflicção.

— Socorra-me, padre. Eu não posso mais resistir ao remorso que me atormenta. Eu matei um homem! Vejo-o á todo o instante, accusando-me de tel-o assassinado!

Para que matei-o?! Foi contra a minha vontade. Eu não tive a intenção de tirar-lhe a vida... Obrigaram-me! Mas como sinto remorsos disso!!

— Conta-me tudo, meu filho — disse-lhe o padre. Deus perdôa sempre aos arrependidos.

— Matei um rapaz como eu. Joven, na flor da mocidade. Estupidamente, cortei-lhe a vida!! Eu sou francez. Elle era meu inimigo, sem nunca ter-me feito o menor mal. Tive que matal-o, porque na guerra não se póde poupar um inimigo.

Fil-o, sem pensar, cégo pelo amor á patria. Este amor estupido que tantas desgraças tem occasionado ao mundo! Eu vivia feliz... era musico, vivia para a minha arte... veiu a guerra para transformar-me num assassino. Que cousa horrivel, senhor padre!!!

— Acalma-te, filho. O teu crime não é commum. Cumpriste o teu dever. Juraste á tua bandeira defendel-a, sem esmorecimento. Nada mais fizeste do que o teu dever de patriota. Deus não póde te castigar por isto.

— Dever?! Que ironia, meu padre!

Eu matei, sou assassino. O remorso terminará com os meus dias. Dias miseraveis... por que não fiquei lá nos campos de batalha por que a morte tantas vezes me espreitando, não me levou tambem?!!

Por que fiquei para ver o fim daquella tragedia dantesca, se não comsigo mais a felicidade neste mundo, eternamente perseguido pelos olhos da minha victima, gravados no meu cerebro, a clamar vingança do homicidio que pratiquei...?!!

Venho aqui em busca de um pouco de paz para o meu espirito atribulado e o senhor consola-me desta maneira: — "Cumpriste o teu dever!". Eu enlouqueço...!

sando-lhes viva extranheza, porquanto Paul ainda envergava a farda do exercito francez.

NÃO

Elsa, fôra uma daquellas pessoas, e sentiu desde logo, impeto de interpellar o rapaz, perguntando-lhe o motivo do seu gesto tão sincero para com um inimigo, levando em conta que aquelles poucos dias decorridos depois do armisticio, não podiam ser operado o milagre de fazer esquecer o odio dos francezes pela Allemanha.

A moça porém, conteve o desejo e retirou-se.

Ao chegar em casa, entretanto, ella teve surpresa ainda maior, encontrando-se ali, com o rapaz.

E não se conteve mais: "Era este rapaz, que estava no cemiterio cobrindo de flores, o tumulo do seu filho, Snr. Holderlin!"

— O que dizes?! Um francez pondo flores na sepultura de meu filho?!!

Paul conservava-se immovel e no seu intimo uma luta tremenda o perturbava.

— De onde conhecia, meu filho? — perguntou o velho Holderlin, com visivel ansiosidade.

— Conhecia-o de Paris — respondeu Paul, como se tivesse arrancado uma palavra que trazia atravessada na garganta.

— Eram amigos, então...? — atalhou a senhora Holderlin.

— Sim... — respondeu o soldado francez, e não conseguiu dizer uma outra palavra siquer!

Holderlin chamou a esposa á parte e ordenou-lhe que augmentasse um prato na mesa do jantar...

Depois voltou-se para Paul e convidou-o a sentar-se.

— Conte-nos recordações da vida estudantina do nosso filho, em Paris, quando, amigos, intimamente se trataram...

O rapaz passava por um dos momentos mas tormentosos de sua vida. Num esforço supremo, procurava fazer com que a sua phisyonomia não trahisse o que elle sentia intimamente. Aquellas palavras — "quando, como amigos..." foram como uma punhalada que lhe desferissem! Elle fez o que poude para conter-se e começou a contar factos "de Paris", da melhor fórma que a sua imaginação, naquelle estado em que se achava, podia conceber. Por vezes elle, quasi destruiu a illusão dos velhos, fazendo a derradeira confissão...

Paul fica morando com os Holderlin. Os velhinhos sympathisaram immenso com elle e viam na sua presença um consolo para esquecer a ausencia do filho desapparecido. E com isso, Paul viu que era impossivel realizar aquillo que o fizéra approximar-se da familia do rapaz que elle matára nas trincheiras...

Fôra um amigo do filho, nunca o esquecera, e se era francez... hoje a França e a Allemanha não eram mais as inimigas encarniçadas

MATARÁS!

daquelles dias sombrios. Demais, Paul combatera os allemães por um dever, da mesma forma como Walter pelejara contra a França... e a alegria de outr'ora voltou a reflectir-se na physionomia dos Holderlin. A felicidade voltára aquelle lar, um dos muitos que a guerra cobrira com as sombras da tristeza e do luto!

E Elsa que aliás não era filha dos velhinhos, mas sim a noiva que Walter não pudera desposar... depressa se apaixona pelo ex-soldado francez.

Cedo, porém, as linguas maldizentes se intromettem no lar dos Holderlin, commentando o facto de um francez, cada dia mais intimo... já estendera a sua intimidade ao ponto de passear sózinho com a noiva do herói morto, como se fossem namorados!

E o mexerico caminha tão rapidamente que o proprio Sr. Holderlin, numa roda de amigos, é menosprezado por estes, pela amisade que já dedica ao francez.

O velho entretanto, emfrenta com altivez, as accusações dos amigos e prova aos mesmos como o rapaz é digno da sua amisade, exterminando a obra das tesouras locaes.

Guardando o seu segredo, Paul, vê-se agora, na contigencia de revelar aos velhinhos a sua verdadeira identidade. Elle sente que não poderá mais continuar a occultar a verdade e decide-se a contar-lhes tudo e receber o perdão ou a condemnação daquelles corações tão bondosos que tão bem o haviam acolhido, impossibilisando-o de confessar-lhe a sua verdadeira situação.

Paul sabe que a revelação poderá tambem causar uma emoção fatal aos Holderlin. Elle vê, por outro lado, que não tem o direito de destruir a felicidade que elle propric proporcionára aos paes de Walter, consolando-os com a sua presença, as saudades profundas que sentiam do filho. Mas, agora é inevitavel: — elle não póde mais representar, aquella farça. Afigura-se-lhe que está commentendo uma acção em desaccordo com a sua consciencia.

— Elsa, vou despedir-me de ti! — diz-lhe elle, certa noite.

— Não é possivel, Paul! Então não me amas mais?! O que pretendendes fazer?

— E'... impossivel mesmo, querida...! — responde o rapaz, falando de si para si, ao mesmo tempo: "Como terei coragem de revelar-lhe a verdade?!" — Eu te amo, sim. E, muito! Não tenho forças que possam deixar-me separar de ti, meu amor!

Elsa, então, pensando que Paul esteja relutando em casar com ella, com a lembrança de Walter, que fôra seu noivo, vae buscar a ultima carta, que elle lhe escrevera das trincheiras, justamente aquella que fôra encontrada num dos bolsos do rapaz, manchada de sangue, do ferimento fatal. E começa a ler a missiva para Paul ouvir. O noivo lhe dizia que se elle morresse, ella não deveria deixar de buscar a felicidade com outro rapaz...

Mas a moça não chega a terminar a leitura da carta, porque Paul, que tudo ouvia numa excitação nervosa tremenda, diz de côr o fim da carta, que elle lera, depois de ter bayonetado o seu inimigo!

Elsa fica surpresa da revelação, mas não tem tempo de falar nada porque Paul, cahe nos seus braços chorando convulsivamente, exclamando treslocado: "Fui eu quem o matei, Elsa! Fui eu o soldado francez que o liquidou!!" E olhando-a numa tristeza immensa, elle confessa: "Amo-te como nada mais na vida! Mas não te mereço, querida. Eu vim aqui foi para contar a verdade aos paes do teu noivo. Premido pelo remorso, sem um momento de socego de consciencia, vim procurar o castigo que merecia!!!

Elsa o ouvia com os olhos razos de lagrimas. E ao envez de pronunciar-lhe palavras de reprovação ao nobre acto que o trouxera para junto dos Holderlin, só poude dizer estas palavras:

Tú estás perdoado, meu amor. Não o mataste por tua livre vontade. Eu te perdoaria logo que chegaste, se m'o tivesses confessado. Eu te quero como te quiz, nos nossos primeiros idyllios. Tens que ficar aqui por mim e pelos paes delle. A tua partida seria a morte destes pobres velhinhos Eu guardarei o segredo. Elles não podem saber da verdade. Se soubessem, tambem haviam de perdoar-te... Para que destruir a illusão que lhes trouxe, de novo, a felicidade? Não tens confiança em mim?!

Paul ouvia-a, sem poder dizer palavra. Olhou-a com os olhos cheios de felicidade que elle julgára perdida para sempre... E um beijo sellou aquelles labios enamorados, numa promessa de uma vida nova que surgia para o jovem francez, finalmente com a consciencia tranquilla!

Nesse momento o Snr. e a Snra. Holderlin, entraram na sala. E a moça diz-lhes que Paul desistiu de partir para Paris... Vae casar-se com ella dia, seguinte.

O velhinho todo cheio de alegria, vae buscar o violino de Walter e dá-o a Paul, pedindo-lhe: "Toma meu filho dános um pouco da alegria que ficou lá nos campos de France, com o nosso filhinho...

— FIM —

Para matar o tempo, que o "tic-tac" nervoso e impaciente de um relogio parecia prolongar ainda mais, abro um livro. Jim Tully falando dos seus tempos de menino, quando estudava num collegio de freiras... "Blood in the Moon", um tomo da sua serie dos grandes vagabundos, entre os quaes, elle foi o mais talentoso.

A tarde ia aos poucos morrendo, manchando as bandas de Beverly Hills de sangue... tal qual a capa daquelle livro de que eu me servia para matar o tempo...

O relogio continuava o seu "tic-tac" nervoso e impaciente...

E, como olhar para um relogio que não pára augmenta a ansiedade da pessoa que espera, merguilhei-me na poltrona macia e confortavel e deixei o meu pensamento fugir dali...

Cheguei até aos tempos da Guerra Civil — o Norte contra o Sul e a figura de Lincoln, envolta numa apotheose de luz, surgiu. Nem cheguei a reconhecer nessa figura de martyr e politico, Walter Huston...

Walter Huston e Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood, photographia tirada no Studio da Columbia.

WALTER HUSTON

(DE GILBERTO SOUTO, *representante de "CINEARTE" em Hollywood*)

Em quinze minutos descemos o Sunset Boulevard, em direcção a Havenhurst, rua onde se ergue a elegante e luxuosa casa de appartamentos — a "Colonial House". Apeamos no Crescent Heights, boulevard onde, lado a lado, se levantam palacetes e mansões de millionarios e estrellas. Dobramos o Sunset, bem junto do "Garden of Allah", uma dezena de bungalows perdidos no meio da verdura de um jardim florido, propriedade de Alla Nazimova, restos da fortuna que ella ganhou no Cinema que, com a sua retirada, perdeu uma das estrellas mais intelligentes e mais brilhantes...

Estavamos, finalmente, em frente á *Colonial House*, seis andares, onde em cada um existe um appartamento, luxuoso, riquissimo e que, segundo me disseram, custa, apenas, oitocentos dollars por mez! — Os meus olhos correram sobre os varios cartões, no hall, collados em cada caixa do correio... Walter Huston... Richard Dix... Melvyn Le Roy... Clark Gable... Fiquei a imaginar o quanto não daria um "fan" para sentar-se á entrada e esperar que os proprietarios daquelles nomes famosos descessem e passassem por elles!

Estou bem certo que a Lili, a ardente collecionadora de paginas de "Cinearte", todas as vezes que o elegante astro da Metro — Clark Gable — nellas apparece, passaria o dia, ali naquelles degráos de marmore, com o coração batendo com força ante a visão do seu idolo querido, ao sahir de casa para um jogo de golf...

Eu e Dave Arlen, um amigo de Walter Huston, tomamos o elevador e, em poucos segundos, estavamos batendo á porta do appartamento de Walter Huston.

Um creado (não foi o Edgard Norton, nem tinha pronuncia britannica...) nos fez entrar e encaminhou-nos para o salão. Um ambiente finamente decorado no estylo europeu. Todo em laca branca e ouro, grandes espelhos subindo até ao tecto de cada lado da sala. Quadros de artistas francezes pelas paredes, aguas fortes e aguarellas de nomes consagrados. Duas estantes embutidas na parede deixavam ver a lombada arco-iris de uma infinidade de livros... Aqui, bem junto a um biombo onde na seda haviam sido bordados uma marqueza de cabellos empoados brincando a cabra-cega com alegres duquezinhas e um principe de calções de setim, um divan em velludo roxo... No fundo do immenso salão, um piano branco. Um grande retrato de Walter; um panno de sêda, com desenhos chinezes, uma jarra onde o vermelho das papoulas sylvestres contrastavam com o branco marfim da madeira...

Os passos eram abafados por um tapete de velludo lilaz, estendendo-se por todo o aposento e prolongando-se pelos outros compartimentos do appartamento.

Da sala vizinha, vinha um murmurio de vozes...

Walter Huston não havia ainda chegado e já atrazado para o encontro dez minutos.

Numa *fusão*, tinha aquelle mesmo Lincoln, deante de mim, sem as barbas que tornaram a sua figura tão veneranda, lembrando um apostolo das primeiras éras

do Christianismo... O artista estava deante de mim, em carne e osso. Alto, cabello liso, a cahir sobre a sua testa larga e intelligente. Os olhos esverdeados, profundos e serenos. Os labios pequenos, o nariz afilado, as mãos ossudas e os pés grandes. Em passadas largas, atravessou o salão e veio para nós, estendendo-nos a dextra para um aperto cordeal.

Aquella expressão de soffrimento e ternura, desaparecida como por encanto, transformou-se num sorriso franco e sincero. Aquelle ar carregado, aprehensivo e serio que elle, tantas vezes, apresenta nos Films desfazia-se como o fumo tenue que dos nossos cigarros se evolavam... Aquelle homem de vóz energica, propria de um commandante germanico, de sobrecenho cerrado, labios apertados num rictus severo de ordem e mando, não existe senão nos Films. O contraste era tão grande que não chegava a acreditar—aquelle Walter Huston, despendendo energias, mandando, ordenando com vigor, torturado pela dôr, pelo odio, pelo desespero — aquelle mundo de caracteres diversos e, no fundo, dotados das mesmas energias e dos mesmos traços psychicos, que elle tinha representado no Cinema, eu não os vi na pessoa simples, sorrindo que tinha deante de mim. Ali, estava o Walter Huston da vida real, chegando em casa, depois de um dia de trabalho no Studio, fatigado, com os olhos cansados das luzes fortissimas, com fome e desejoso de um bom jantar, da leitura do jornal da noite e de ouvir o radio com os seus "blues" e os seus "foxes" rythmados...

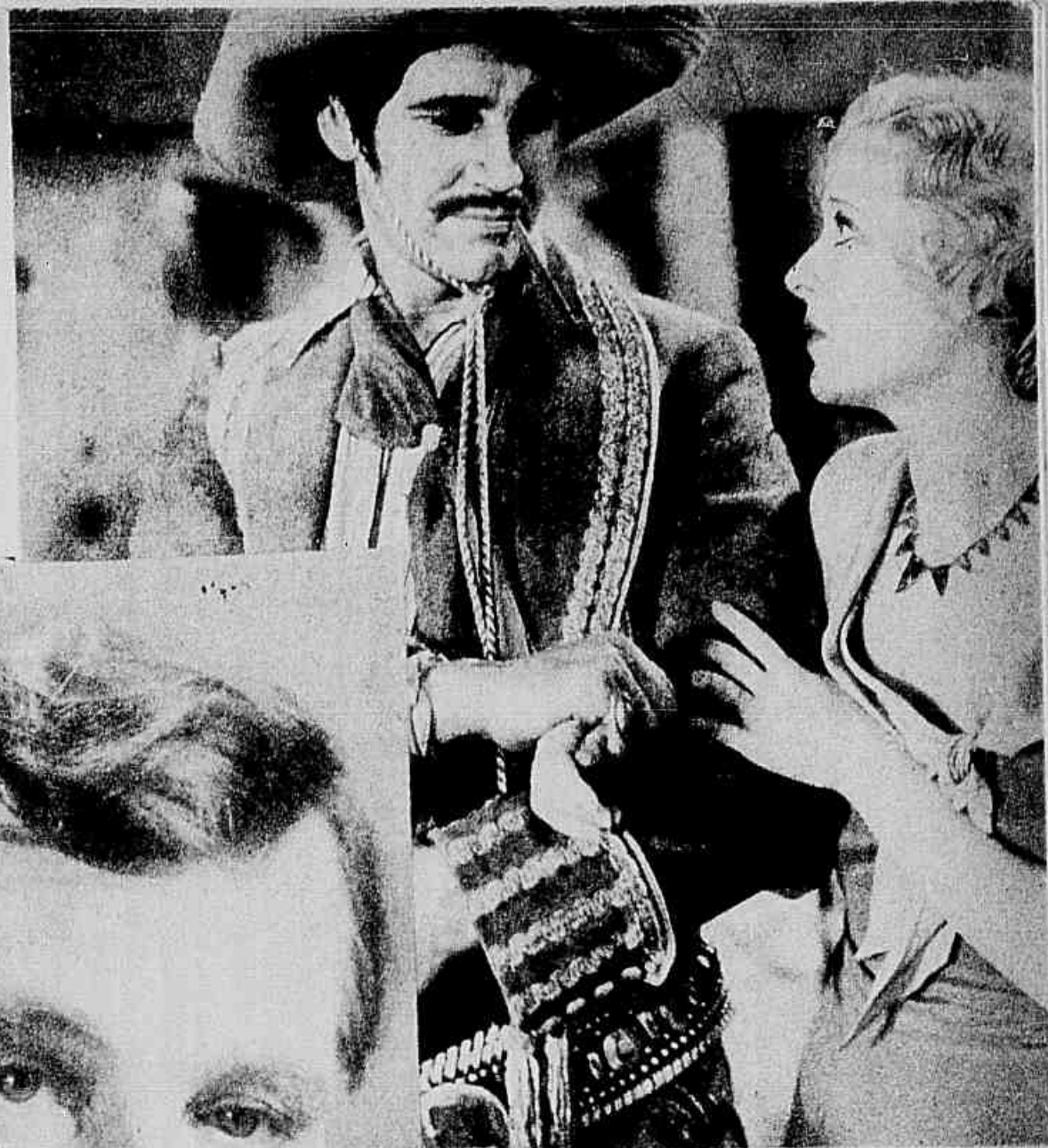
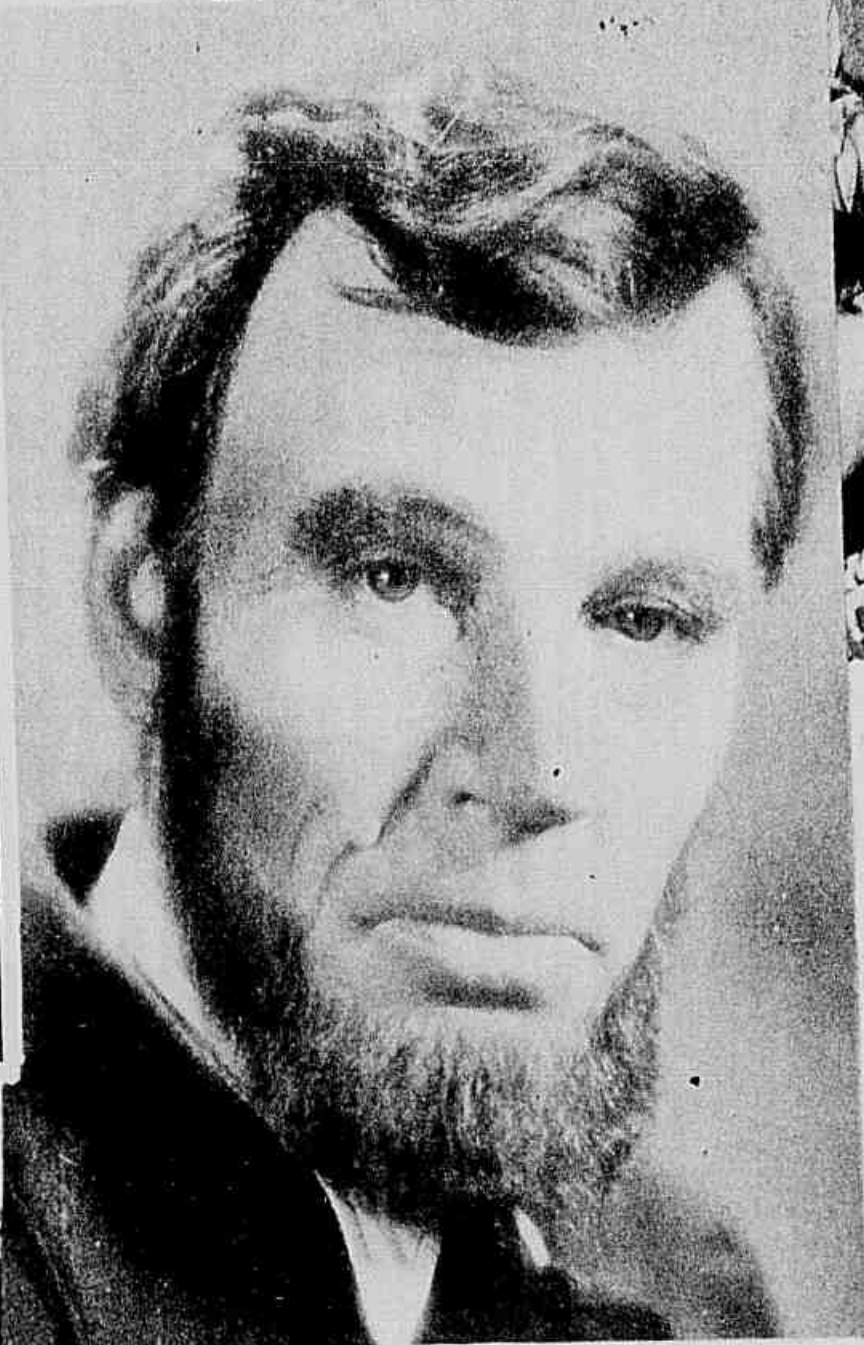
Walter sentou-se ao meu lado e folheou o "Cinearte", tendo, como todos os que vêem o magazine, palavras de elogio, deixando-me embaraçado sem saber como agradecer.

A palestra iniciou-se, então, ao eu lembrar-lhe "Abrahão Lincoln", o seu grande desempenho e um dos mais recentes exitos artisticos de Griffith.

"Um grande director, um homem que me deu, realmente, a minha primeira opportunidade no Cinema!

Antes, havia feito um Film para a Paramount, em New York — "Gente de Imprensa" (Gentlemem from the Press) e onde tive Kay Francis, ao meu lado.

Kay, tambem, teve o seu primeiro papel... Ella, porém, era minha amiga velha. Juntos, figuramos em "Elmer, the Great", uma comedia, no palco. Quando me convidaram para o Film, suggeri o seu nome e, hoje, vejo com satisfação que Kay Francis conseguiu successo.

Gosto do theatro, muito mesmo. Nelle, temos o contacto directo com o publico, sabemos, no mesmo instante, se agradamos ou não. O reflexo no rosto de cada espectador, que a nós não póde passar despercebido, é o fiel da balança onde pesamos o successo ou fracasso de cada peça ou do nosso desempenho...

"E o Cinema?", perguntei-lhe eu...

"O Cinema veio realizar um milagre — fez do mundo inteiro uma cidadezinha pequena. Uma aldeia, onde cada habitante conhece o outro, pergunta pela saude dos pequenos, pede emprestado uma chicara de assucar e conversa por cima da cerca do jardim..." disse elle rindo.

"Explico melhor... O Cinema fez do mundo uma cidade pequena — os artistas são conhecidos nos quatro cantos do globo, não havendo limites, nem fronteiras para o seu nome. Elle, hoje, já não póde viajar que todos o apontam, o conhecem, sabem dos seus gostos e das suas particularidades...

Não havia ainda observado este caso, senão quando vim de New York, via Canal Panamá, para Los Angeles, afim de trabalhar em "Abrahão Lincoln". Concordo que é um facto natural que em Hollywood, o vendedor de jornaes nos diga "Allô!", que o creado que nos serve no restaurante, ao trazer a lista — profira — um "Boa-Noite, Mr. Huston... que deseja?" que a loja que nos vende o sapato ou o terno de roupa nos trate, immediatamente, pelo proprio nome que usamos... Mas, que isso succeda em terras estranhas com outros povos que sabemos que existem, mas que nunca nos vêm á memoria — é, realmente, um facto surprehendente!

"Conte-nos o que lhe succedeu em Panamá", pedi-lhe eu, tambem curioso e interessado pela sua palestra. "Saltamos do navio, que se demorava no porto um dia. Eu e varios amigos, passeavamos pela cidade. Vimos os pontos curiosos, apontados no guia turistico.

A's tres horas da tarde, estavamos num café. Bem em frente, um Cinema exhibia "Gentlemem from the Press"... Meus amigos que não haviam visto o Film, insistiram para que fossemos, afim de passar o tempo.

Cheguei-me á bilheteria e uma linda pequena, morena, de lindos olhos negros (curiosa a maneira pela qual Walter vae descrevendo a sua marrativa. Elle não esquece detalhes...) nos vende os bilhetes. Olha-me. Chama o manager e cochicham... O porteiro toma os ingressos e fica, mudo, parado olhando-me... Ao entrar no salão, escuro e em cuja tela o Film corria, ainda ouvi os commentarios, agora, mais excitados...

Em meio da projecção, na tela surge um letreiro, escripto á pressa numa chapa de vidro — "Temos a honra de ter neste Cinema, Mr. Walter Huston, protagonista deste Film. Bemvindo á cidade de Panamá..."

As luzes accenderam-se. O borborinho foi intenso, começaram todos a levantar-se e a procurar... Em meio minuto, vi-me cercado de uma legião de pessoas que davam vivas, alegres, contentes daquella intromissão...

Deixamos o Cinema. A' volta do nosso carro, uma multidão compacta se esprimia. Vivas! Phrases em hespanhol, enthusiasmadas, bem proprias do temperamento latino.

Foi, para mim uma surpresa. Nunca, sinceramente, pensei que em Panamá soubessem da minha existencia, que se interessassem por mim. Relato este caso que succedeu commigo, por acaso. Elle, com certeza, já aconteceu a outros meus collegas.

Outra coisa que não pude esquecer, foi a maneira gentil, amiga, generosa des-

(Termina no fim do numero

Walter e Dorothy Revier em "El Hombre Malo".

Walter... Lincoln

Walter Huston e seu filho John, escriptor de enredos e dialogos!

fala a CINEARTE

A primeira entrevista de

E' mais do que a primeira entrevista que Clara Bow concede depois de seu casamento. (A primeira authentica, comprehenda-se, porque apocryphas têm sahido muitas). E', principalmente, a revelação decisiva de uma nova e muito mais feliz Clarinha. Seu longo silencio gerou um mysterio. Murmurou-se que ella continuava doente. Que mudára apenas na apparencia. Que deixára o Cinema. Agora vem a verdade toda. E' uma historia humana, sincera, honesta.

Recusando entrevistas a outros jornalistas, disse ella:

— Não confiei em ninguem para essa tarefa jornalistica que eu sabia necessaria a mim, principalmente. Dei uma entrevista, uma vez e, quando impressa, transcrevia phrases minhas mentirosas, todas e que nunca eu havia dito. Eu as poderia ter dito e como elles pensem assim, escrevem-nas e as imprimem... Além disso todos elles faziam empenho em fazer-me mais ignorante do que sou e por isso eu não me podia sentir confortada e nem contente nas mãos de semelhantes jornalistas.

E consentindo na entrevista que ella concedeu á jornalita Cinematographica Sonia Lee, esta que vamos a seguir transcrever, traduzindo, mandou-lhe ella uma carta que vae reproduzida e cuja traducção e esta:

— 11 de Janeiro de 1932.

Estimada Sonia Lee.

Alegro-me de ser a sua entrevista a primeira a reproduzir a minha primeira e authentica entrevista depois de me ter tornado senhora Rex Bell.

Rex e eu nos temos recusado a encontros com jornalistas de jornaes e revistas, porque a maioria das cousas que já dissemos e fizemos tem sido por elles distorcida. Sinto-me garantida em suas mãos. Sem que nem me desclassificará e nem me mal interpretará.

Com saudades de Rex e eu,, a sua (a) — CLARA BOW.

Agora entremos pela entrevista desta figurinha que Adela Rogers St. Johns considera um dos maiores vultos de mulher que até hoje já teve o Cinema e que todos nós tambem achamos. Clara Bow é dessas que pode ficar ausente das télas dois ou cinco ou dez annos. Quando voltar sempre terá publico.

Este é o rancho de Rex Bell, onde esteve Clarinha...

— A unica cousa realmente importante que já aconteceu a Clara Bow, foi seu casamento com Rex Bell. E' ella que diz isso. Os Films são illusão. A fama, passa. Seu casamento — o meu casamento!, como ella diz, ardente e apaixonada — é alguma cousa que durará.

— Rex deu-me a unica devoção altruista que já encontrei, na vida.

Disse-me ella, com extrema simplicidade. A figurinha della, hoje, não mais a daquella criaturinha irrequieta, ardente, exquisita e falada pequena de hontem, não e, isso sim, apenas uma menina paciente e pacifica que usa com amor e carinho uma alliança de brilhante e platina para symbolisar o passo mais acertado de sua vida e que está, além disso, completamente mudada, com novos pontos de vista e desejos totalmente modificados. O annel de casamento, para ella, como que illuminou-a. Fel-a differente! Contra o assalto de palavras vis e contra criticas viciosas, applica ella esse seu talisman sagrado e têm sido espantosos os resultados para o seu intimo antigamente tão attribulado. Sua extrema sensibilidade, sua solidão, suas amisades, tudo ficou para o seu esquecimento. Hoje apenas brilha sua alliança e é para seu marido que seus olhos se volvem, sempre, finalmente sinceramente apaixonados.

A pequena dos mil e tantos titulos gordos nas noticias escandalosas dos jornaes, redescobre, hoje, no casamento, a illusão de felicidade que já tinha totalmente perdido. Já aprendeu a ter fé nos seus semelhantes, de novo. Já tem fé no dia de amanhã. Já sente confiança em si mesma.

Conversando com ella, tendo-a deitada num rico divan, ao meu lado, observei, antes de mais nada, que seus cabellos, loiros no verão passado, já voltaram á sua verdadeira côr, aquella côr vermelha que tanta belleza e exquisitice dá ao seu rosto alegre e tão sympathico. E ella falou para mim, assim á vontade, dizendo muita cousa interessante nessa primeira entrevista authentica que ella condeu depois de seu matrimonio.

Discutindo o casamento e as necessidades de uma mulher, tinha brilho e vivacidade nos olhos. Falando de seus proprios erros, então, vibrou. Ninguem mais severa comsigo mesma. E ninguem tão sincera assim, tambem.

— O que o casamento deu-me, principalmente, foi **eu mesma!** Não tenho mais medo.

Admiravel a sinceridade da sua voz, assim falando.

— O mundo sempre me vira como uma especie differente de mulher fatal. O que elles nunca souberam, os que me analysaram com crueldade, é que a unica verdadeira cousa que eu sentia em torno de mim, eram solidão, temor e magua...

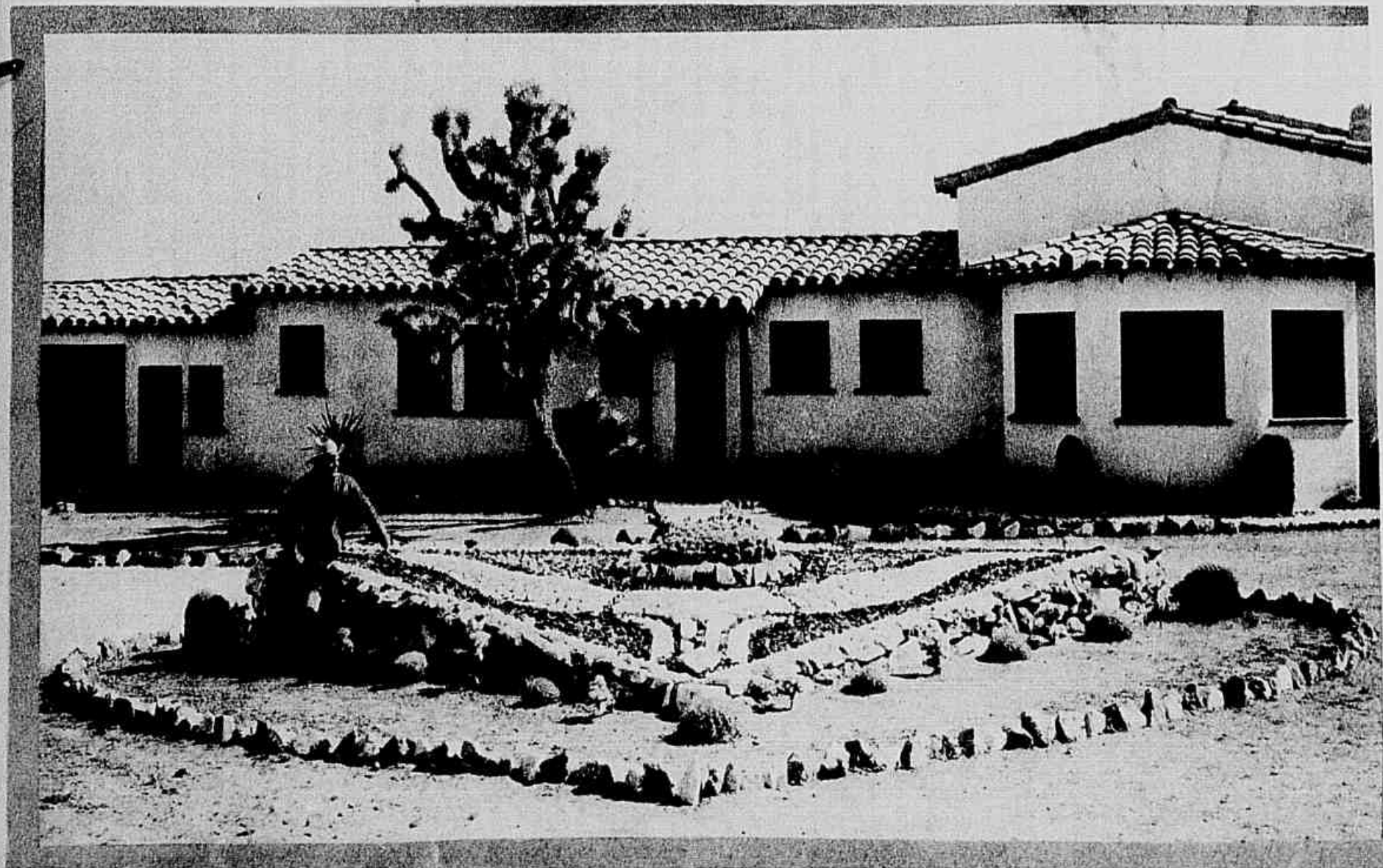
— Casando-me com Rex Bell, mudei em tudo isso. Tenho alguem que cuida de mim e do qual dependo. Alguem no qual posso confiar. Meu casamento é minha armadura. Posso tornar a encarrar o mundo e... rosto a rosto! Confiante! Rex e seu amor, concertaram meu espirito — seus cuidados, por outro lado, collocaram novamente meus nervos nos seus logares. Estava ha tanto acostumada a levar soccos sózinha, que, quando senti que tinha alguem por mim, tão interessado quanto eu, gozei de uma nova e completamente inédita sensação de alivio e contentamento. Hoje eu me sinto tão a seguro, tão garantida!

— Sempre temi o casamento. Comprehendia e sabia que aquillo era para sempre e jamais consegui imaginar-me unida assim á um homem que seria, afinal, o espelho onde outras mulheres se viriam fatalmente mirar e que, depois da lua de mel, engolphar-se-ia totalmente, de novo, na sua carreira ou nos seus negocios. Jamais encontára, além disso, em toda minha vida, um só homem que deixasse de pensar um só segundo em si mesmo, para metade de um, apenas, em mim...

— Foi o que Rex fez. Comprehendeu que eu tinha que representar. Era moça. Tinha tido uma infancia a mais desgraçada imaginavel. Eu **quera** ser feliz, mas o que eu não sabia, pobre de mim, era **como** conseguir essa felicidade. Rex comprehendeu, perfeitamente, que do que eu mais precisava, era conselhos e protecção.

Quando Rex me pediu em casamento, ha um anno, mais ou menos, disse-lhe que eu o amava demasiadamente para consentir nisso. Não sabia como me portar no casamento. Sentia que tinha muitas culpas e não queria, além disso, um casamento de Hollywood. Queria uma união eterna, sim, mas que fosse duradoura. Eu sempre me sentira tão pouco segura, na vida... E o casamento, no que eu pensava, devia ser seguro, completo, cheio de paz e absoluto, na minha vida. Sentia medo da casar. Rex era muito bomzinho, muito completo para ter eu a coragem assim sem premeditação prévia de o arruinar com um casamento desastrado.

Eu tinha commettido muitos erros, na vida. Tive medo de outro. Mas Rex esperou. Elle disse que me esperaria para sempre, durasse quanto durasse a espectativa.

Meu mundo, então, desmaiou, tombou. Daisy De Voe, á qual eu estimei como se fosse minha irmã, trahiu-me. Gurnau atacou-me no seu jornal. As historias que o Studio me dava, eram, dia a dia, menos adequadas a mim. O facto de Daisy e Gurnau terem sido apontados culpados e postos na cadeia, adiantou muito

pouco. Eu me sentia exhausta, amedrontada de tudo e de todos. Cada vez que eu ouvia a approximação de um jornaleiro, tinha a impressão que elle vinha gritando CLARA BOW! CLARA BOW! CLARA BOW!!! Sentia-me perdida, perseguida, aterrorisada. Rex foi tão carinhoso e bom commigo quanto minha Mãe o seria, se a tivessse a meu lado, amorosa e tambem fraternal junto aos meus soffrimentos nesses crueis casos, todos. Deixei a Paramount — e foi a melhor cousa que eu podia fazer — fiquei livre, de um momento para outro e procurei, immediatamente, correr, fugir, desapparecer da pressão de todos aquelles olhos e linguas más que me olhavam e falavam de mim. Tentei, então, ser eu mesma, de novo. Minha moral, no emtanto, sentia-se totalmente arrasada.

Mas tarde, quando me senti melhor, quiz casar-me com Rex. Elle não estava trabalhando, no emtanto e eu sabia que elle queria um contracto, algum dinheiro economisado e, isto, para depois, então, nos unirmos pelo matrimonio. Elle temia que o mundo murmurasse que elle se casava commigo por causa do meu dinheiro. Isso me divertiu, muito, porque eu achei graça nelle, temendo falatorio a respeito delle, quando tantos tinha ouvido e lido — muito peores! — a meu respeito, sem nunca de nada me pedir satisfações. Até então eu tinha sido duramente provada, é a verdade.

Clara Bow
depois do casamento

Mas esperamos e Rex conseguiu seu contracto e foi pondo seu dinheiro de lado. Disse-me, depois, que então podia pagar as despesas da casa. Eu tive a certeza de que Rex era differente — interessava-se pela vida que iamos levar e achava-me digna de a partilhar com elle Eu senti a noção absoluta de que elle me sustentaria, na vida e, então, disse-lhe que se quizesse, mesmo, unir-se á uma creatura doente e nervosa como eu então estava, que estava prompta a casar-me com elle naquelle mesmo instante, se quizesse. E hoje eu pertenço todinha a elle e... para sempre! Se qualquer cousa acontecer ao nosso amor, tenho a certeza de que será o meu fim!

O casamento, para mim, tem sido realmente muito bom. Amadureceu-me, tornou-me mais consciente. Deu-me attitude, segurança, comprehensão da vida. Hoje, antes de fazer qualquer cousa, penso duas vezes. Tenho verdadeiro pavor de desgostar Rex.

O casamento me deu um companheirismo, uma amisade, que jamais conhecêra. Hoje eu tenho alguem a quem contar meus dissabores, minhas alegrias, meus problemas e alguem que realmente me protege, alguem a quem posso confiar minha alma e meu corpo. Tenho sido e estado, na vida, tremendamente só. Hoje, não, felizmente. Acho que era por isso que eu fazia aquellas cousas erradas que, depois, davam-me tantos desgostos.

Dei muito caso á adulação falsa. Hoje, dou nenhum. Comprehende, bem, nos dias presentes, que, na vida, somos todos umas pobres palhinhas ao vento da sorte...

Hoje, o que quero da vida, apenas, é algo duradouro. Antes de mais nada: — um filhinho. Os gostos de Rex e os meus, felizmente, são simples. Não precisamos e nem queremos muito dinheiro. Queremos apenas socegar e levar uma pacifica vida normal. Um lar, um filho ou dois ou mais que sejam, um optimo marido... o que mais pode querer uma mulher? E' isso que eu quero, apenas!

Clara Bow, fóra do lar, apenas tem um grande desejo: — um grande Film. Um Film de despedida, realmente bom, que os "fans" nunca mais esqueçam e, ultimamente, por causa disso mesmo, tem lido muitos scenarios, varias historias e conversado com alguns productores que se têm vivamente interessado pelo seu regresso. Não é exacto que ella tenha deixado o Cinema e pense em se retirar da arte que lhe deu a fama mundial que tem. Depois desse Film é que ella vae tomar sua definitiva resolução, tanto mais que o marido não cessa de lhe dizer que continúe seus triumphos artisticos. Essas noticias e as que foram transmittidas a respeito do seu estado de saude, certamente o foram porque o casalzinho passou uma terna e bem afastada lua de mel e, assim, pouco vistos, foram os commentarios crescendo e, como commentarios que eram, traziam venenos e maldade, unica virtude **peculiar** ao mundo...

O empresario della, para todo e qualquer negocio, é seu marido. Rex já tem regeitado varias propostas, tanto theatraes, como Cinematographicas e outras desse genero. Já regeitou, somando-as, um milhão de **dollars,** mais ou menos. O dinheiro, para elles, nesse caso, pouco está importando. O que elles querem, para esse regresso de Clara aos Films, é uma historia adaptada á ella, cousa realmente optima e com um elenco e um director que valham o sacrificio. Certos productores, mesmo, assim que elles encontrem essa historia, offereceram-se para formarem a "Producção Clara Bow", companhia exclusivamente della, isto é produzindo Films tendo-a como "estrella."

Fará um Film, possivelmente dois. Trabalho ou trabalhos que lhe rendam meio milhão de **dollars.** Com esse dinheiro, Clara Bow acha que poderá viver o resto de sua vida da fórma que ella e Rex querem.

— E quando eu deixar o Cinema, então, verá realmente porque eu o **deixei** e não porque elle me tivesse **abandonada.** Quero ainda ser **estrella.** Mas não como fui e, sim, ficar lembrada como presentemente sou.

O que quer dizer, igualmente, que ella quer mostrar a felicidade que o casamento lhe trouxe, porque ho-

(Termina no fim do numero)

Clara Bow quando era dos ambientes. Esta era a sua linda casa de Bedford Drive que não lhe deu muita felicidade...

Queremos vel-a novamente sorrindo assim. Ella vae apparecer em "Call Her a Savage" da Fox e... talvez Roulien figurará ao seu lado.

Roberta Gale

E' interessante,
mas sem sorte.
Não pode
ser olho grande.
Os seus
são maiores.

Barbara Stanwick

H E L E N

T W E L V E T R E E S

(Algumas "po

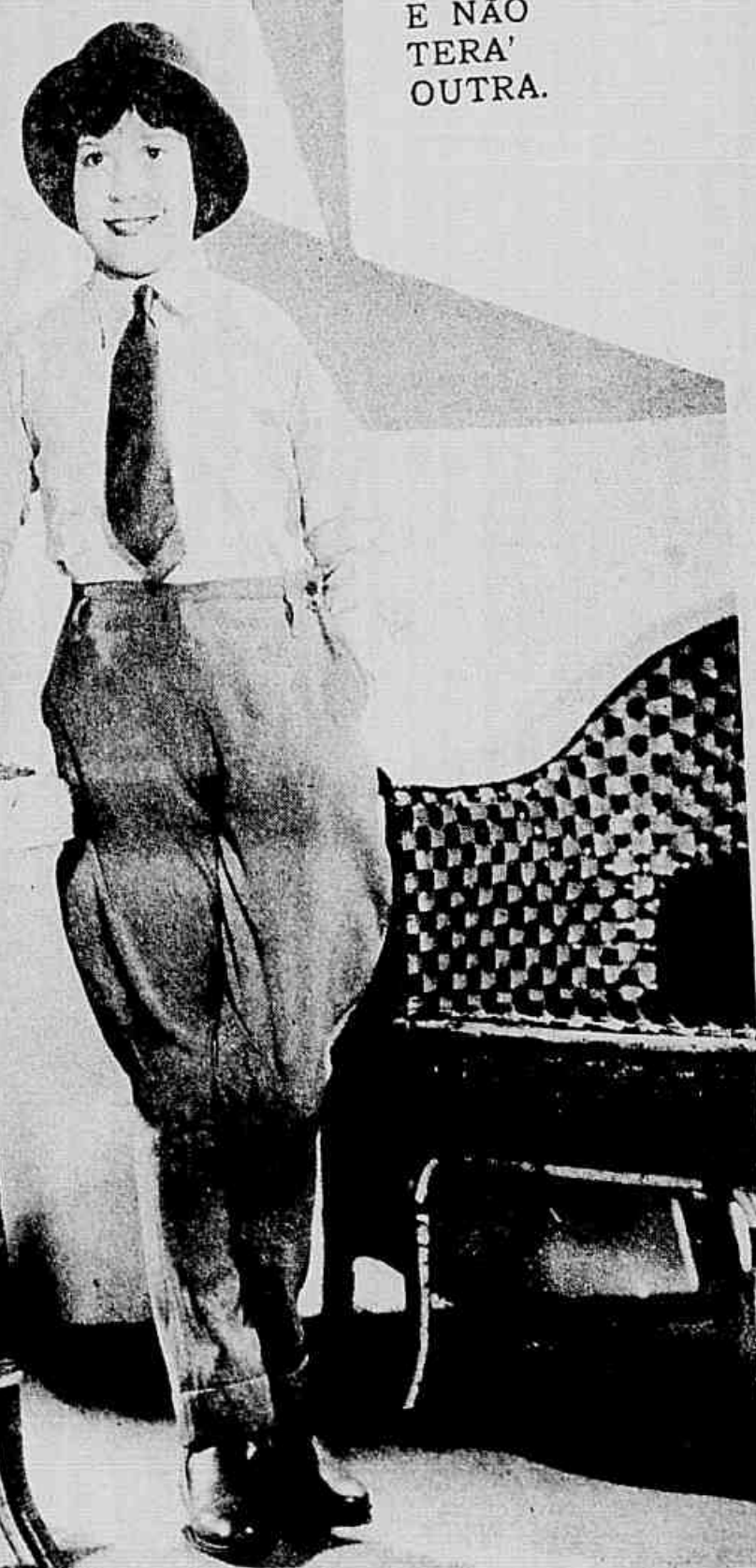
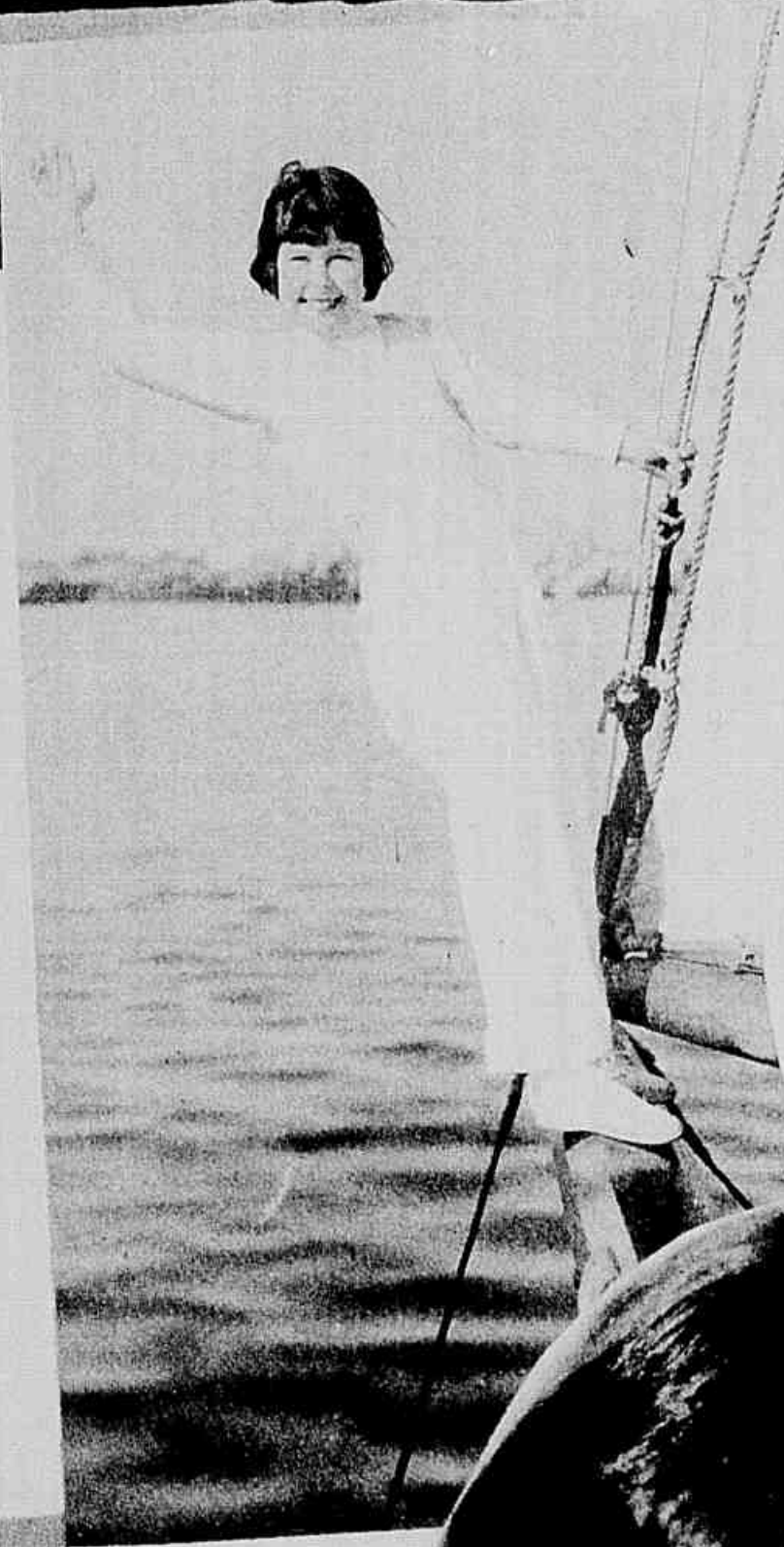
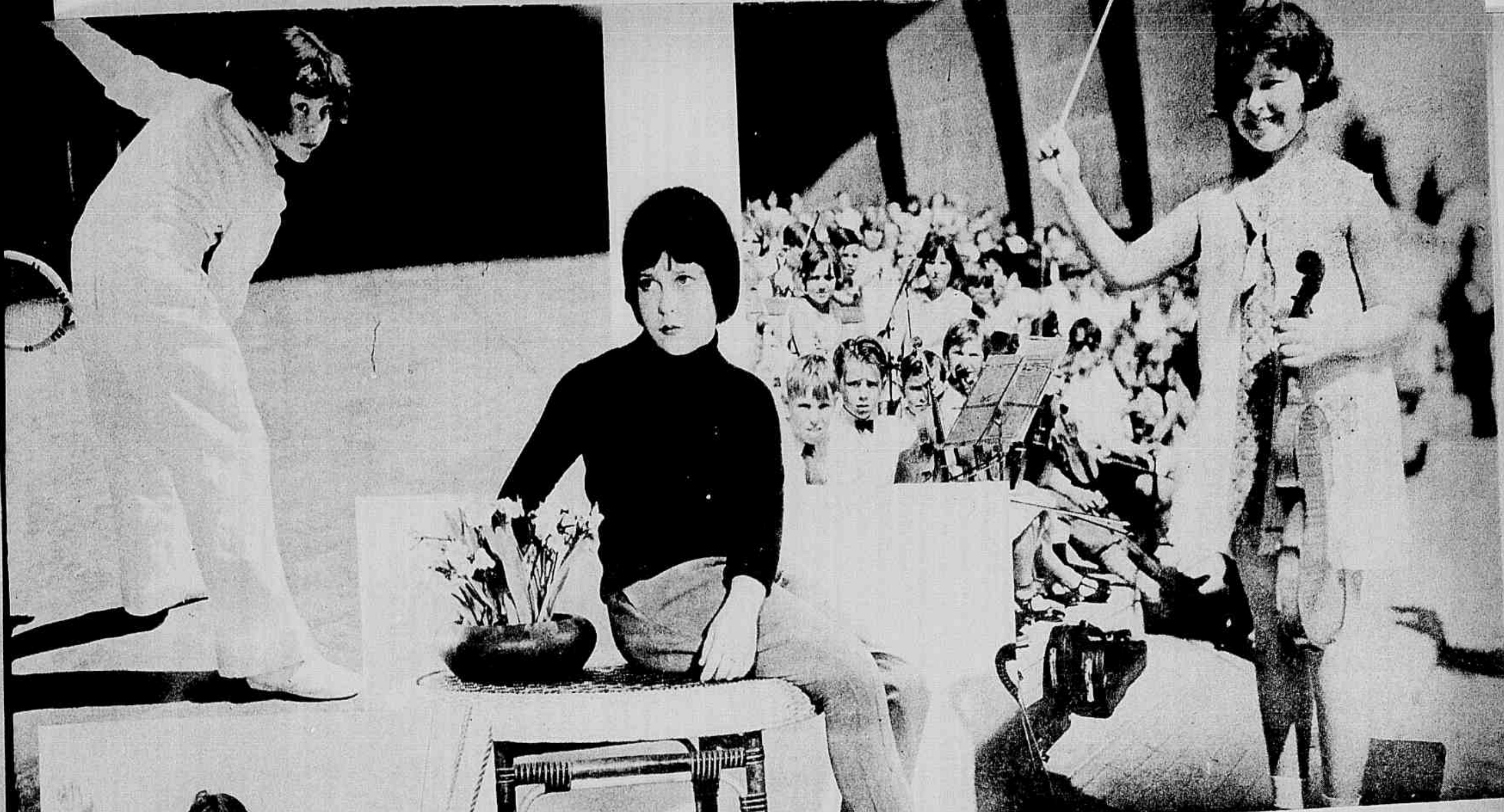
Vamos pedir ao Gilberto para entrevistal-a?

...as "poses", são especiaes para "Cinearte")

P-15

KATHRYN CRAWFORD

CINEARTE

MG2
M

O CINEMA NÃO TINHA, NA VERDADE, UMA MITZI GREEN. E NÃO TERA' OUTRA.

Mitzi Green

Quem é

RICARDO CORTEZ — o unico artista de Hollywood sem Patria — resolveu, afinal, terminar todo o mysterio que sempre houve em torno de sua verdadeira personalidade. Todo mundo sabia que Ricardo Cortez não é o seu verdadeiro nome. Ninguem no emtanto, sabia qualquer cousa a mais do que isso, além do facto delle ser o mais perfeito dos "ladrões" de Films e dos mais temidos por todas as "estrellas" e "astros" da industria. Seu verdadeiro nome, sua nacionalidade, seu torrão natal — tudo isso jámais sahiu do terreno da conjectura. Aqui está, hoje, para alegria dos seus "fans" e para a dos que apreciam o bom Cinema, igualmente, a historia dos soffrimentos deste esplendido artista, durante esses passados annos, todos e o "porque" de se ter conservado elle esse tempo todo sob essa mascara falsa. Tudo isso vem nesta verdadeira historia que elle proprio me contou ha hias, quando o entrevistei.

:: :: ::

O que elles conhecem, na gyria do Cinema, como um "papel gordo", achava-se em discussão diante dos productores e technicos da R. K. O., recentemente. Na opinião delles, o unico homem capaz de ter esse papel, era Ricardo Cortez. Mas elle o acceitaria?

O papel em discussão era o do joven medico judeu da historia "Symphony of Six Million", de Fannie Hurst. Um grande papel, por certo, esse do medico judeu. Mas... Ricardo Cortez, de fama e renome latinos, acceitaria o papel? Deixaria, atrás, tudo quanto já fez e tudo quanto já contou a publicidade, apenas para ter o papel? Acceitaria Ricardo Cortez o papel de um judeu?

Alguem, afinal de contas, teve a idéa de o interrogar, em vez de tomar discussões e hypotheses. (Aliás uma idéa brilhante!... Qual!).

— Acceita um papel de judeu? — Foi-lhe perguntado.

— Mas é logico que sim. E por que não? "Pois se eu sou judeu!..."

E houve, mesmo, certo orgulho na sua voz quando elle disse isso, proclamando, dessa forma, seu credo. E' o orgulho de todos que são dessa raça, a raça que ha seculos nada mais tem feito do que soffrer humilhações e opprobios. Quando Hollywood ouviu a historia, no emtanto, agastou-se. Aliás, lá, qualquer pessoa que use de honestidade ou sinceridade merece logo a censura de todos... Cresceu logo ao redor delle um aborrecimento que lhe não podia ter escapado.

Hollywood, como todos os "fans", acceitou a hypothese delle ser o latino que seu nome sempre traduziu. Outros, menos ingenuos, diziam que elle se envergonhava tanto dos seus antepassados, que resolvera utilizar um nome assim suggestivo para que fosse, dahi para diante, brilhante a sua biographia. Publicidade alguma, no emtanto, mudou o caracter privado de Ricardo Cortez. Quem conhece Hollywood, bem, pode melhor saber, ainda, o que é isso.

Geraram-se rumores, é logico. A "fraternidade" de Hollywood é toda calcada em intermittentes rumores... Disseram que o verdadeiro nome delle éra Jack Kranz, uns, Jake Kranzmeyer, outros e mesmo Abie Katz, outros. Todos, é mais do que logico, atiraram-se, verrumas em punho, á vida intima do artista tão nosso conhecido. Muitos dos casos que então surgiram, não passaram de grosseiros e impertinentes, mesmo. Naturalmente, leitor, tambem ouviu ou leu alguns delles.

Agora, "fan", desça de onde está e calce os sapatos deste homem. Sabe-se que o seu nome é ficticio. Contam-se historias, até incriveis da sua vida particular. O que fará você? E' logico que é impossivel você galgar um arranha céo e, de lá, com alto falante ou não, gritar cá para baixo: — "Isso tudo é mentira, pessoal!" Tambem é impossivel tornar-se você grosseiro e sahir pelas ruas, esbarrando com quem o encarar, dizendo: — "Sei o que está pensando de mim, entende?... Crê que eu o esteja ludibriando, não é? Querendo ridicularizal-o, fazendo-o pensar e crêr que eu sou um latino a viver historias latinas, não é? Pois tudo isso é mentira, entende? Mentira!"

Você não podia proceder assim. Muito menos Ricardo. Era preciso que você esperasse a "chance" de alguem lhe perguntar. E aqui está a simples e unica razão, pela qual elle jámais disse tudo isso que aqui vae, abaixo, a ninguem, até hoje: — "porque ninguem lhe perguntou, nunca..."

Os proprios amigos particulares de Ricardo Cortez sempre se mantinham retrahidos quando se tratava de discutir os "taes" seus casos particulares. Evitavam, isso, como se fosse uma especie de "tabú". Outros preferiam apenas tel-o como "conhecido" e não como amigo, porque achavam desprezivel que um homem usasse de taes meios para grangear a admiração do publico. Ricardo, melhor do que ninguem, sabe o quanto a lenda que se fez em torno delle lhe custou. Elle não é popular, tanto quanto significa essa palavra em Hollywood. Ha muita gente que, mesmo sem conhecel-o, detesta-o. A consequencia disso é levar elle uma vida relativamente retirada e hermitã. (Apesar delle ser judeu...).

Mas se os amigos ou os faladores não lhe perguntaram, nunca, o "por que" do caso, com que direito o censuravam? E eis aqui o que elle me disse a respeito.

— Varias vezes eu desejei muito que alguem m'o perguntasse. Desta caceteação eu me sinto mais cançado, é logico, do que ninguem. Ha cerca de dez annos que não sou outra cousa senão um homem sem Patria, sem raça, sem historia. Deram-me como filho de Vienna, Madrid, Rio de Janeiro (parece mentira, parece, mas,

Verdadeiramente Ricardo Cortez

"AFINAL!!!", appareceu um desses camaradas que se lembrou de que o Rio de Janeiro existe, sendo bem provavel, no emtanto, que pense que é a capital da Bolivia... De toda forma, no emtanto, citou o Rio de Janeiro num magazine estrangeiro. Isto rima e é verdade...) e Deus sabe mais onde! Tão contradictorias se tornaram as historias impressas da minha vida, que eu mesmo cheguei a ficar sem saber para onde me volver... Sou Cortez o Primeiro, sem parentesco de especie alguma, nem passado, nem historia, nem nada. O que me deram além disso, sempre foi pura imaginação dos jornalistas que me procuraram. Tenho sido um caracter de pura ficção, manufacturado para a bilheteria e sem precedentes... (Uma especie de monstro de Frankenstein, mas... para as bilheterias e corações das pequenas). Ninguem realmente sabe quem eu verdadeiramente sou e donde realmente venho. Agora já é tempo de ser dita a verdade verdadeira a respeito.

— Sei que muita gente pensa que eu quero continuar na palhaçada e que me zango quando siquer penso que a verdade possa vir a lume. Nem desejo continuar a ficção e nem tenho nada a occultar ou della me envergonhar. Tenho "orgulho" dos meus antepassados. Tenho veneração por minha Mãe e culto pela memoria de meu Pae. Tenho honra em ser judeu e dou a maior veneração ao sangue judeu que me corre nas veias. "Quero e estimo meu torrão natal!"

— Meu nome era Jacob Kranz. Quando entrei para o Cinema, legalmente troquei-o pelo de Ricardo Cortez. Quando eu nasci na rua Hester, no bairro pobre de "NEW YORK", era Jacob Kranz. Meu Pae era hungaro e minha Mãe é austriaca. E' por parte de Mãe que eu herdei meu sangue judeu. Meu Pae era tão louro quanto sou moreno.

O interessante, agora que se descobre que elle até americano do norte (este do norte" é só para lembrar que ainda existe, apesar de cheia de "gentinha" — tal costuma ser a opinião mostrada pelos Films..., — uma America "do Sul". Quando a gente diz americano, subentende-se logo americano do norte. Isso não é justo, porque nós somos tão bons americanos quanto o judeu Ricardo Cortez...) era, é que as historias do seu passado até aqui impressas, davamno como vindo de uma familia nobre e rica, poderosa e grande. Seus verdes annos passára elle na abundancia e apenas uma modificação social conseguira fazer com que elle cahisse para a necessidade do trabalho... E Ricardo, afinal de contas, é um filho da Cidade Pobre de New York... Nesse bairro é que cresceu o menino Jacob Kranz. Ia á escola e, depois della, trabalhava. Vendia jornaes e entregava-se a todos os outros mistéres de meninos da sua idade, para ganhar o sustento e o dos seus. Durante o tempo que lhe sobrava, ajudava um pouco o Pae na sua modesta lojinha. Aos dezeseis annos, pela morte do Pae, passou a ser o "cabeça" da familia.

— Desde a época que me lembro, sempre quiz ser um artista. Chegada que foi a opportunidade, apanhei-a e o primeiro papel que me deram — mudo — foi o de carregar uma bandeira pelo palco e receber, depois, doze "dollars" por semana. Era uma bandeira franceza, lembrome e deram-me o papel porque, disseram, eu tinha cara de francez...

Pouco tempo depois um amigo meu deume uma carta de apresentação para Marshall Neilan, o director de Films que é tão conhecido embora hoje esteja apagado quasi totalmente. Falou elle longamente commigo e, depois da prosa, tive uma opportunidade num Film de Marguerite Clark. Voltei para casa nervoso e tremulo com a auspiciosa nova. Chego e encontro meu Pae passando muito mal... Tres dias depois elle morria. Mais tres semanas e eu perdia minha irmã, tambem. Não cheguei a representar aquelle papel que com tanto amor e satisfação eu conseguira.

Passaram-se muitos mezes até que eu novamente pensasse em representar. Depois, um dia, resolvi ir para Hollywood e lá, custasse o que custasse, tentar uma carreira Cinematographica. Deram-me uma carta para Jesse L. Lasky e eu deixei New York.

Lasky recebeu o solicitante com toda attenção, nada lhe promettendo, no emtanto. Outros productores foram por elle procurados e o successo dessas entrevistas não superou a primeira. Pareceu, claramente, que ali terminasse, para sempre, a carreira de Jacob Kranz como artista. Uma noite, um rapaz muito aborrecido da vida e já sem animo algum (já descobrimos você nesse papel, Ricardo amigo, tira a mascara!...) resolveu acceitar o convite de alguns companheiros de luta, para uma festinha que se realizava no Cocoanut Grove. Celebra-se, ali, no momento em que elles chegam, um concurso de dansa. Uma pequena que os acompanhava, quer figurar no concurso. Jacob Kranz, mais para distrahir do que para outra cousa, acceita o convite para ser seu par e entram. Vencem. No dia seguinte recebia elle um chamado de Jesse L. Lasky...

— Minha senhora viu-o dansando no Grove, á noite passada. Ella é de opinião que você tem futuro em Films.

Apparentemente Jesse L. Lasky parecia estar apenas transmittindo aquillo que lhe dissera a esposa, sem convicção propria. Depois falou em contracto. Nasceu a questão de salario.

— Que tal 75 "dollars" semanaes para começar?

— O senhor deve saber melhor do que eu o que valho, senhor. Residirei na offerta que me fizer.

Pelas apparencias, Jacob Kranz achára uma maravilha aquelles magros 75 "dollars"...

— Gosto de seu modo de comprehender a minha proposta. Elevo-a, por isso, a cem "dollars".

Cinco outras vezes elle tornou a ser chamado ao escriptorio de Lasky e cinco outras vezes assignou novos contractos com elle, dahi para diante, todos com augmentos sucessivos de preço. Não demorou muito a estar recebendo a agradavel somma semanal de 1.250 "dollars. Jacob Kranz entrou para o Cinema quando a éra dos Latinos estava no apogeu. Rudolph Valentino tinha acabado de romper seu contracto com a Paramount. Todos pensaram, logo, que no novo "moreno" do "set" elles tivessem um segundo Valentino.

Existem, sobre esta sua escolha para substituir Valentino, dezenas de versões de uma mesma historia. Sobre o seu nome, então, ninguem sabe ao certo como foi elle escolhido. Dizem, uns, que de duas fitas de marcas de cigarros. Lasky não gostava do nome Kranz. Propoz uma mudança e Ricardo promptamente concordou.

— Vamos deixar que as pequenas lhe dêm um nome!

Disse Lasky e caminhou para o seu gabinete, enfrentando-se com suas duas secretarias. Depois de muitas suggestões, surgiu o nome Ricardo Cortez. Sôava romanticamente e, o que era melhor, parecia servir muito bem para seus fins. No dia seguinte o departamento de publicidade annunciava que Jesse L. Lasky era dono do contracto com um novo "astro" Latino que seria a maior sensação de todos os tempos:

— RICARDO CORTEZ!!!!

O aborrecimento de ter esse nome, para elle, foi uma das cousas mais terriveis na sua vida. Escreveram-se milhares de biographias suas e todas as mais disparatadas possiveis. Tudo invocava seu nome Latino, principalmente aventuras e vinham a baila as mais estapafurdias possiveis...

Agora imaginem o embaraço do nosso querido Ricardo, quando a elle se chegam e lhe perguntam: — "mas onde nasceu?" — A resposta unica que elle dava, invariavelmente, era essa: "Peça ao departamento de publicidade a minha biographia". Quando vinham jornalistas estrangeiros, então, a sua confusão era extrema, porque temia que lhe falassem em hespanhol, por exemplo, pelo nome que elle tinha e elle sem saber siquer dizer o classico "adiós"... Quando elle pensou em deixar a mascara de lado, já estabelecido na fama e crendo não ser vergonha declarar que era genuino americano, rompeu seu contracto com a Paramount, por causa de desintelligencias surgidas e irremoviveis, então. Fora da companhia para a qual "nascera", a bem dizer, foi forçado, para viver, a continuar com a farça do nome e foi por isso que nem ahi elle a explicou aos jornalistas. E continuou o seu tormento.

Voltando ao Cinema, depois de dois annos como enfermeiro, da infeliz esposa Alma Rubens, retiro que voluntaria e corajosamente acceitou, vinha firme no

(Continúa no fim do numero)

(Private Lives) — Film da M. G. M.

NORMA SHEARER	Amanda
ROBERT MONTGOMERY	Elyot
Reginald Denny	Victor
Una Merkel	Sybil
Jean Hersholt	Oscar
George Davis	Bellhop

Director: — SIDNEY FRANKLIN.

* * *

— Eu dou um anno.

— Um anno?... Santo Deus! E' melhor que você dê logo a eternidade...

— Eu... eu... seis mezes!

— Quatro... mezes!

— Dois annos!

— Dois annos?... Maluco! Então você pensa que aquillo é "prisão perpetua", ou o que?...

Fizeram-se todos esses commentarios no dia do casamento de Amanda e Elyot. Aquella sociedade conhecia-os de sobra: — ella, moderna; elle, modernissimo! Unidos, casados, quanto tempo deixariam a vida correr sem uma questão, uma briga, uma zanga?...

E eram os prognosticos acima que referimos em fórma de dialogos. A razão talvez a tivessem. Amanda e Elyot interrogados, naquelle dia, diriam que era um casamento para sempre. Mas os amigos, os intimos, sabiam, de sobra, que tudo era possivel, menos isso...

* * *

A união durou quasi dois annos. Venceram aquelles que apostaram pelo anno e meio... O periodo todo foi considerado, por amigos intimos e vizinhos, como sendo de franca belligerancia. Discussões. Zangas de semanas e semanas. Pazes mais curtas do que amisades entre francezes e allemães... Tudo assim! Por que? Por que ambos eram modernos, idéas proprias, modos differentes de encarar a vida! Casamento **avant garde**... (Felizmente o Film não é dirigido por Pabst...) O facto em si foi esse: — não se aturaram mais e desligaram-se.

* * *

Exhausto de tanto brigar, Elyot pendeu por uma viagem á Europa. Um vapor antes já tinha levado ao mesmo destino ex-esposa... Paris, para elle, foi um encanto. A Riviera, para ella, uma distracção e um **flirt** continuo. O que elles queriam era esquecer as tristezas da vida e tanto elle quanto ella, nos proximos casamentos innevitaveis, esquecerem o passado.

De facto, mezes depois, no mesmo dia e, coincidencia que apenas o destino poderia ter explicado, casavam-se Amanda e Victor, rapaz de sociedade ao seu nivel; Elyot e Sybil, da optima familia e varias outras qualidades que Elyot reputava superiores ás de Amanda.

* * *

Noite. Nos quartos vizinhos, duas scenas. Neste: — Elyot e Sybil. Ella lhe diz, tendo-o preso aos seus braços brancos.

— Elli querido... Você não acha isto admiravel, meu bem?

— E'... Não está máu, não...

E contemplava a luz da rua que se misturava com as ondas do mar, lá em baixo.

— Ora, Elli... admiravel, é o que você devia dizer... Veja as luzes daquelle **yacht** reflectindo-se nagua!

— Amanhã vamos ao banho, bem cedo, não é?

— Mas eu não me quero queimar ao sol.

— Por que?

— Acho isso terrivel, nas mulhres!

— Bem, se não quer, é só não ir. Mas espero que não tenha a implicancia em relação aos homens...

— Elli, meu bem...

— Você é muito meiga, muito feminina, muito minha não é, querida?

— Assim o espero, meu amor. Beija-me!

* * *

No quarto a seguir, este lialogo.

— Mandy!

— O que é?

— Venha aqui. Que vista admiravel!

Amanda surgiu ao lado do esposo. Enlaçaram-se Victor apontou.

— Veja as luzes daquelle **yacht** como se reflectem magnificamente nas aguas do mar!

— De quem será?

— Vamos amanhã cedo ao banho, não é?

E na resposta atravessada, Victor condemnou a pergunta...

— Podemos ir. Além disso, quero que o sol admiravel daqui queime bastante meu corpo.

— Mandy!

— O que ha, Victor?

— Detesto mulheres queimadas de sol.

— E por que?

— Por que são... isto é: — acho-as... Bem, porque as detesto!

— Pois a mim agradam-me um pedaço, querido...

— Bem... Se você faz mesmo questão...

— E não se preoccupe, sabe? Trouxe sufficiente oleo para passar pelo corpo todo e, assim, não ficar como você "detesta"...

— Falo, querida, porque acho sua pele tão adoravel, assim...

— E' o que você pensa... Quando você me enxergar moreninha... é uma paixão completamente nova que lhe entrará pelo coração adentro!

— Mas acha que eu a podia amar ainda mais do que a amo?

— Oh, querido!... Nem imagina o quanto sonho com uma perenne lua de mel...

* * *

No quarto vizinho, um boy do Hotel entrava com uma cesta

de admiraveis flores. Sybil, amorosa, admirou as e depois atirou-se para Elyot.

— Oh, Elli... Acha, meu bem, que eu mereço seu amor?

— Como não, querida?

Respondeu elle um tanto ou quanto abs tracto.

— Verdade? Verdade mesmo? Então vae ganhar dois beijos: — pelas flores lindas e pela declaração...

Beijou-o. Elyot correspondeu ainda abs tracto.

— Você é adoravel, Sybil.

— Acha, de verdade?

— Palavra!

— Então tambem sou bonita?

— Sem duvida!

— Contente com nosso casamento?

— Contente? E' pouco! Radiante, diga.

— Mais contente do que antes delle?

— Mas bemzinho, porque esse interrogatorio todo?

— Não lhe dou satisfação... Agora beije-me, sim?

Elyot tomou-a nos bracos e collou aos seus os labios apesar de tudo sequiosos.

— Calma, Elli! Tambem não com tanto ardor...

— Está mais contente e menos curiosa, agora?...

— Sim. Mas... tres beijos, sim? Não sabe que sou muito supersticiosa?...

Depois de a beijar as tres vezes, Elyot sentou-se ao seu lado. Por minutos ficaram calados. Depois ,Sybil perguntou, dentro de uma onda de melancolia.

— Ella era linda, não era?

— Quem?

— Amanda...

— Ah!... Era, sim... Muito!

— Mas bonita do que eu?...

— Sem duvida!

Elyot respondeu quasi distrahido. Sybil zangou-se.

— Elyot!

Elyot estava ao seu lado, naquelle instante. Tomou-lhe das mãos e arrebatado pelo que já vinha pensando, ha minutos, concluio, deixando a desarrumação das malas para depois.

— Ella era linda, sim... Suas mãos eram macias, admiraveis! Suas pernas, as mais phantasticas que já vi! E dansava... querida, dansava como um anjo!...

Quando terminou, estava em pé e olhava Sybil, boquiaberta.

— Você, Sybil, dansa muito mal!...

— Mas ella não toca piano como eu toco, aposto!

— Ganhou! Felizmente ella não toca piano!

— Está vendo?... E tinha ella a minha capacidade de organização?...

— Não, confesso. Mas não tinha sua mãe, tambem...

Sybil queimou-se.

— Ella era geniosa. Violenta. Genio sem controle e nenhuma educação! Era infiel, além disso!!!

— Infiel ella não era!

— E Você... você como sabia? Aposto que era! Aposto que era fiel de cinco em cinco minutos!

Elyot tinha voltado ao trabalho com as roupas das malas quando Sybil iniciará as invectivas contra sua ex-esposa. Respondeu, calmo.

— Era preciso que ella fosse muito mais caladinha e insincera para que me trahisse de cinco em cinco minutos...

— Sybil olhou-o, quasi chorando.

— Mas você a odeia, não é?

Elyot voltou-se, exasperado, já

Particulares

— Uma por todas, Sybil, não me fale mais nessa criatura! Já lhe pedi isso e não uma vez só.

— Bem, querido... Zangadinho?... Vamos, beije sua queridinha, sim?...

Nova batida á porta, de novo o **boy**.

— **Pardon, monsieur**...

E investiu contra a cesta, tirando e levando-a. Depois explicou.

— Não eram para aqui e as deixei por engano.

Sybil desapontou. Quando ergueu os olhos para o marido, a indecisão desse foi curta. Correu atraz do **boy** e alcançando-o á sahida, disse-lhe, piscando o olho e passando-lhe algumas notas furtivamente.

— Ora essa! Pois então você não sabe que eu tambem encommendei flores... rosas! Veja que as mesmas não demorem mais!

O pequeno comprehendeu e respondeu, alto, para que Sybil ouvisse.

— A culpa é minha, senhor e vou buscal-as, já!

Sybil sorriu.

Victor abriu a porta e quando viu o "boy" com as mesmas, disse, contente.

— Felizmente as encontrou! Mandy! Elles encontraram as flores!

— Bravos... Vamos mandal-os a Hopewell... (Este trecho do dialogo é nosso, mas infelizmente não podemos deixar de dizer que a policia americana merece uma piada, mesmo aqui...)

A voz de Mandy vinha do banheiro e ouvia-se o rumor da agua que cahia sobre seu perfeito corpo. Victor entrou com as mesmas e collocou-as ao lado da janella, sobre um movel. Affastou-se, olhou-as e, depois, tornou a mudal-as de posição. Parecia, positivamente, um recem-casado apaixonado!

— Victor!!!

Sôou a voz macia de Amanda.

— Querido, faça alguma cousa por sua mulherzinha, sim? Apanha-me lá, na segunda gaveta do guarda-roupa uma combinação e uma camisa que esqueci de trazer, sim?

— Pois não, bem... Mas...

Victor não gostou muito do officio. Errou na côr das duas peças pedidas, precisou voltar com ellas, trocal-as e quando accertou, já se sentia demasiadamente aborrecido. Mas fingiu-se alegre.

— Ainda demora muito, querida?

— Não. Já estou indo...

Voltou-se Victor e deu com os olhos nas flores. Ainda não as achou bem. Correu para ellas, pol-as em outra posição.

Amanda entrou. Vinha num "negligée", magnifico e poz-se admirada diante das soberbas flores que tinha diante dos olhos.

— Adoraveis, Vic!

Tirou uma dellas aspirou-a fortemente, com volupia.

— Santo Deus!...

— Não entendi... O que foi, Vic?...

Ahi é que viu a expressão no rosto do marido que a olhava estarrecido diante de sua belleza.

— Você está pr'a lá de formidavel, minha querida mulherzinha!

— Bondade de seus olhos namorados...

Victor alcançou-a com os braços e pol-a ao encontro de seu peito.

— Se me não faltarem forças e vontade, hei de a fazer a criatura mais feliz do mundo!

— Palavra?

— Zelando por você e providenciando para que tudo corra como você quer, meu amor.

— E eu, Victor, não posso crer que eu seja nem a metade do que você imagina que eu sou...

(Termina no fim do numero)

DUAS

(ONCE A LADY)

FILM DA PARAMOUNT, com *Ruth Chatterton, Ivor Novello, Geoffrey Kerr, Jil Esmond, etc.*

Dirigido por: — *Guthrie Mc Clintic*

Anna Keremazoff, uma pequena russa, que tem verdadeira paixão por Paris, onde reside, acaba de ser levada ao altar por Jimmy Fenwick, descendente de uma riquissima familia ingleza. Podiamos accrescentar tambem riquissima em tradições... mas sendo ingleza... não é necessario.

Finda a cerimonia os noivos embarcam para Londres, onde o marido tem influencias politicas e está á espera das eleições onde pretende ser eleito para um cargo importante.

Dizem os annuncios do Film que a Snra. Fenwick soffre uma grande contrariedade com o casamento, obrigada como é a deixar a maravilhosa Paris em troca de uma monotona residencia no interior da Inglaterra. Bem se vê que não era preciso dizer que ia ser uma vida monotona...

Pois bem. A recem-casada faz todos os esforços possiveis para se identificar com os costumes e as tradições da familia Fenwick, mas não consegue habituar-se com os "methodos" da familia do marido.

Este, pelo que deduzimos, não liga muita importancia á mulher. Por ahi a gente logo vê que Ruth Chatterton merece outro marido e tem que lamentar a pessima escolha que ella fez. Pode ser "chapa", mas o caso é que temos que achar — "coitada da Ruth"!...

———

A sua infelicidade, porém, ainda não está completa. E o primeiro filho do casal, por signal uma menina, que poderia suavisar o calvario da mãe, "ahe" exactamente ao pae! Mesmo antes de falar, já se manifesta abertamente contra os principios e idéas de Anna... Que creança-prodigio, heim!

Por outro lado, os novos "parentes" que Anna adquiriu, por força do casamento, tratam-na com frieza e visivel hostilidade, tornando a recem-casada mais infeliz ainda!

———

Por uma casualidade, Anna encontra-se com Benett Clond, que nos dias felizes de Paris, fôra um dos seus muitos pretendentes... e Anna, impulsivamente, acceita um "rendez-vous" que o rapaz lhe marca.

Anna, porém, é infeliz mais uma vez, e esse encontro, que foi sem duvida, alguma horas agradabilissimas, como ha muito tempo ella não passava... é descoberto pelos "tradicionaes" Fenwick.

———

Para evitar um escandalo e possivel prejuizo de Fenwick, nas urnas... a familia exige que a moça parta immediatamente para a Riviera, onde os Fenwick possuem um castello, do qual Anna não poderá sahir, senão depois da victoria eleitoral do marido...

———

Ella ainda uma vez se submette ás exigencias da familia do seu "querido" esposo e toma passagem no "Nice Express", — vão ver que este "expresso" tambem vae custar a chegar ao fim da viagem, tal qual o de "Shanghai"... — e, por casualidade — qual! eu já não acredito em tantas casualidades nos Films, deve estar errado — vão vêr que foi por convencionalismo! — encontra entre os passageiros, Bennett Clond.

———

Elle lhe pede que ella va á Paris, na sua companhia. Não haverá nenhum inconveniente, pois no dia seguinte ella poderá partir para a Riviera, de aeroplano...

Anna não tem forças para resistir e acceita a suggestão.

Desembarcam na capital da França — isto é, para quem não sabe geographia, os americanos, por exemplo, não sabem que o Rio de Janeiro é a capital do Brasil... — mas a moça se esquece do seu parasol, no vagão em que viajava (na vida real ha muita gente "esquecida", mas nos Films, esses esquecimentos são sempre convencionaes!)...

———

Nessa noite o expresso de Nice é inteiramente destruido por uma collisão — eu não disse que ia acontecer alguma cousa?! — e todos os que viajam são victimados, no desastre.

Fenwick, urgentemente avisado, se transporta para o local da catastrophe e ali encontra o parasol da mulher.

Os jornaes do dia seguinte mencionam os nomes das victimas, entre ellas Anna Fenwick... que nós sabemos, estava em Paris.

———

Pois bem. Por "conveniencia" da historia do Film... os jornaes parisienses não dão a noticia da destruição do expresso. E assim, ignorando o desastre.

no dia seguinte, Anna parte de avião, para a Riviera.

A "apparição" da "morta" no Castello deve ter causado alguns desmaios... mas depois de tudo explicado, a familia Fenwick receiosa de que o escandalo prejudique a carreira politica do marido, exige que a esposa morta desappareça, afim de que todo o mundo continue acreditando que ella morreu de verdade.

Situações velhas no Cinema, como se vê, ou por outra — como a gente vem vendo desde o principio desta historia, em que Ruth Chatterton parece soffrer mais do que Mary Carr em "Honrarás tua mãe", ou Jannings em "Tortura da Carne", ou Percy Marmont em todos os seus Films... como quizerem!

Anniquilada pela desgraça, Anna retira-se para sempre daquella casa onde não teve um só momento de felicidade. (Devia ter feito ha mais tempo, Ruth Chatterton!.

10 annos se passaram... Anna agora usa um nome de emprestimo e é a "cocotte" mais famosa de Paris.

VIDAS

O mundo continua a acreditar que ella foi uma das victimas do "Nice Express" e Fenwick, por processos que ladeavam de perto as disposições da lei, obteve no Mexico — elle foi longe, hein! Da Europa ao Mexico... — o divorcio que queria.

Apesar de tudo, Anna não deixa de acompanhar com desvelada attenção a carreira de sua filha — Faith — que por signal, está apaixonada por um alumno do curso de architectura, que está estudando em Paris.

Acontece que Fenwick se oppõe ao noivado da filha, allegando que o candidato não possue um ceitil.

Despeitada, Faith foge para Paris, e vae encontrar-se com o seu apaixonado, que se recusa a desposal-a emquanto não tiver os meios necessarios para dar-lhe a felicidade completa.

Uma noite, num grande baile, Anna encontra-se frente a frente com a filha. Reconhece-a justamente num momento em que Faith tem uma discussão com o noivo acerca do seu casamento, e em virtude da qual a pequena bebe um pouco demais, referindo-se a Anna os momentos de angustia por que está passando. Anna leva a filha para um quarto e telegrapha a Fenwick, pedindo-lhe que venha falar com ella, sem demora.

Receioso de um escandalo — oh, gente receiosa esses Fenwick...! — elle vae ao encontro da ex-esposa, no local aprazado.

Anna ameaça-o de contestar o divorcio que elle obteve e provocar um escandalo, arruinando a sua carreira politica, se elle não depositar em nome de Faith o indispensavel para que ella possa casar com o joven architecto.

Fenwick não tem remedio senão ceder — agora chegou a vez de Ruth Chatterton exigir... — á ameaça e Anna, continuando a conservar Faith ignorante da sua identidade, de novo desapparece da vida, para poder, a coberto da maldade dos homens, fruir os seus dias de felicidade...

Ronald Colman não fará, agora, "Os Irmãos Karamazov", segundo annunciou Samuel Goldwyn e sim "The Way of a Lancer", uma historia sobre um grupo de patriotas polacos, lutando contra as forças russas. King Vidor dirigirá e o Film entrará, dentro de poucas semanas, em producção.

oOo

A Metro Goldwyn-Mayer deu novos contractos a Ralph Graves, que trabalhará como artista, escriptor de dialogos e scenarios e, tambem, director; a Kane Richmond e Diane Sinclair.

oOo

William Wyler, logo que terminar a direcção de "Brown of Cukver", terá a seu cargo "Laughing Boy", Film que focaliza a vida dos indios Navajos e que Lew Ayres interpretará.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

X — O Scenario

O presente capitulo das nossas Questões poderia ser considerado mais como um appendice do que realmente um thema para a serie de estudos que temos organisado para os nossos Amadores e, acreditamos, em seu proprio proveito. Pessoalmente porém, julgamos que o emprego habitual de um scenario, por parte do Amador, servirá para lhe mostrar o inestimavel valor do seu auxilio, economisando não só o proprio Film virgem, como tambem a paciencia e a attenção ou cuidado do productor.

O Film virgem custa caro, o seu preço chega, ás vezes, a ser até mesmo exhorbitante, e todos os Amadores não deveriam dispendel-o inutilmente. A pellicula virgem não deveria ser gasta com pequeninos assumptos domesticos, a não ser que se procurasse seguir um plano definido, e préviamente estabelecido. Cada scena deveria representar um trecho, uma parte definida, no todo geral da acção. Para realisar-se isso, a propria scena deve incluir uma certa acção que, depois de incorporada no Film acabado, mostre formar, com a acção das outras scenas, uma ligação sensivel, ou por outra, uma continuidade facil de ser comprehendida. Quando se procura attingir esse fim, principalmente quando o assumpto fica nas mãos de um inexperiente director amador, o resultado é quasi sempre, e inevitavelmente, a omissão de uma acção parcial, representada pela falta de uma scena essencial á suavidade de uma continuidade. A organisação prévia de um scenario evita esse grave erro.

O scenario, ou continuidade como é mais communmente chamado, não deve ser confundido com o verdadeiro enredo de uma producção Cinematographica.

O enredo representa uma peça litteraria, e mesmo assim não poderia ser escripto por um litterato inexperiente, desconhecedor, em absoluto, da technica photodramatica. O enredo é drama, concebido exactamente nessa fórma orthodoxa de toda e qualquer litteratura dramatica. O scenario ou continuidade é simplesmente um resumo de direcções e apontamentos, feitos justamente para facilitarem o trabalho.

Um exemplo será melhor esclarecimento do que todas as suggestões que se podessem dar a respeito. Vamos por isso apresentar aqui uma pequena continuidade Cinematographica, para que os Amadores della se sirvam, como fórmula basica aos scenarios ou continuidades das suas modestas producções.

Continuidade

Titulo 1 — Milton Sampaio apresenta Os Sampaio.

Titulo 2 — Distribuição: A mãe, Sra Sampaio. A creança, Paulo Sampaio. O cão Fiel.

Titulo 3 — O bangalow dos Sampaio, em Junho de 1932.

Scena 1 — Esclarecimento. **Long-shot** do bungalow dos Sampaio, visto do outro lado da rua.

Titulo 4 — Paulo procura o convivio do mundo.

Scena 2 — **Long-shot.** Entrada principal do bungalow dos Sampaio. Paulo apparece na entrada principal, seguido immediatamente por Fiel. Dirige-se para o portão, abrindo-o, e descendo a rua.

Scena 3 — **Long-shot.** A rua. Trabalhadores retirando o calçamento e cavando o sólo para concertar um encanamento. Paulo afasta-se, em direcção aos trabalhadores, com Fiel sempre seguindo-o.

Scena 4 — **Medium-shot.** Trabalhadores ao fundo da scena, cavando o sólo. Paulo entra em scena, avança e pára deante dos homens, observando o seu trabalho. Elles conversam com a creança, rindo alegremente.

Titulo 5 — Meio-dia.

Scena 5 — A torre de uma igreja, vendo-se o relogio e os sinos. Os ponteiros marcam meio-dia e os sinos repicam.

Scena 6 — Os trabalhadores param, escutam o sino, olham para a torre, falam uns com os outros, largam as picaretas, e sahem de scena. Paulo observa a sua sahida.

Scena 7 — **Semi close-up.** Paulo olha para os trabalhadores, e depois para o poço aberto no sólo.

Titulo 6 — Imprudencia.

Scena 8 — **Long-shot.** Paulo pula para dentro do poço, onde começa a brincar. Fiel apparecia a scena, da borda do poço, balançando o rabo. Paulo procura chamal-o tambem para o interior do poço, porém Fiel recusa o convite.

Scena 9 — Paulo brincando no interior do poço, visto de um angulo differente.

Scena 10 — **Close-up.** Fiel latindo.

Scena 11 — Paulo olha para Fiel. Chega-se para junto delle e procura sahir do poço, trepando pela ribanceira, mas não o consegue. Começa a chorar, emquanto Fiel late, muito excitado.

Scena 12 — **Close-up.** Paulo chorando.

Scena 13 — **Close-up.** Fiel latindo.

Scena 14 — **Long-shot.** Fiel latindo, muito excitado, á borda do poço do qual Paulo inutilmente procura sahir.

Scena 15 — Fiel volta-se, e corre a toda velocidade em direcção ao bungalow dos Sampaio. Escurecimento.

Scena 16 — Esclarecimento. O hall do bangalow dos Sampaio. A mãe de Paulo acha-se costurando, junto a uma janella. Fiel entra em scena, correndo, e começa a pular ao redor della, latindo, muito excitado.

Titulo — Pedido de soccorro.

Scena 17 — Como na Scena 16. Fiel procura chamar a mãe de Paulo, agarrando o vestido e puxando-o com os dentes. Ella olha admirada para o que o cão está fazendo. Levanta-se, e o cão sahe correndo na sua frente. Inquieta porque Paulo não se encontra com Fiel, ella o segue.

Scena 18 — **Long-shot.** O bangalow dos Sampaio. Fiel sahe correndo, seguido de perto pela mãe de Paulo. Atravessam o portão e depois a rua.

Scena 19 — **Long-shot.** A rua. Fiel correndo, ao longe, seguido pela mãe de Paulo, em direcção ao poço, visivel no primeiro plano, notando-se os dedos da creança, que procura sahir da ribanceira.

Scena 20 — **Medium-shot.** A borda do poço. Vê-se a face de Paulo, lagrimas escorrendo por ella abaixo. Fiel chega á borda do poço, late muito excitado, e volta-se, olhando para traz.

Scena 21 — A rua. **Long-shot.** A mãe de Paulo correndo em direcção do poço.

Scena 22 — O poço. **Long-shot.** A mãe de Paulo até a borda do poço e olha para dentro.

Titulo 8 — Salvo!

Scena 22 (Continuação) — A mãe de Paulo debruça-se e retira-o do interior do poço. Elle passa os braços ao redor do pescoço della, e sorri contente, satisfeito.

Scena 23 — **Close-up.** Paulo e sua mãe.

Scena 24 — A rua. **Long-shot.** A mãe de Paulo descendo a rua, e carregando a creança no braço, seguida por Fiel.

Scena 25 — O bungalow dos Sampaio. **Long-shot.** A mãe de Paulo, carregando-o ao braço, entra pelo portão, seguida por Fiel. Atravessam o jardim e entram em casa pela porta da frente.

Scena 26 — Porta da frente vista do interior. **Medium-shot.** Entram Paulo e sua mãe, seguidos por Fiel, que pára na porta e depois olha para atraz. Escurecimento.

Titulo 9 — Fim.

Uma tal continuidade, conforme se vê, não é difficil de ser preparada, e tornará muito mais facil o trabalho do director amador. Todos os **shots**, ou melhor, todas as scenas, que se possam na mesma locação, devem ser tomados ao mesmo tempo; e todos os titulos devem ser feitos depois que o Film esteja concluido. As scenas serão então colladas na sua ordem correcta. O Amador poderá riscar, com um lapis vermelho, o numero da scena que acabou de ser completada; será um auxilio para o seu trabalho, e ao mesmo tempo evitará a confusão que poderia resultar de se filmarem as scenas, como aliás e inevitavelmente acontece, fóra da sua ordem chronologica. Acreditamos que, com isso, temos explicado todas as vantagens e qual a funcção principal do scenario ou continuidade, no trabalho de um director, ás vezes tambem operador, scenarista e productor, ao mesmo tempo, no Cinema de Amadores.

—:—

Durante a Filmagem de uma das ultimas sequencias interiores de "Ganga Bruta", no palco da Cidade Cinédia, nós, que somos um simples Amador, tivemos o prazer de uma "ponta" no Film que sempre foi o sonho dourado de Humberto Mauro, e que por certo, agora, será o maior dos Films que elle tem produzido para Cinédia.

E emquanto nós, de simples Amador, passavamos a actor profissional, Durval Bellini, que é o galã do Film, aproveitando-se da nossa camara para Amadores, filmava varias das scenas de "Ganga Bruta", inclusive aquellas mesmas em que tomámos parte. Era interessante de vêr-se um Amador desempenhando uma parte que caberia antes a um profissional, emquanto um verdadeiro profissional desempenhava o papel de um operador amador, Filmando com a diminuta camara para Amadores, ao lado da poderosa Mitchell que era accionada por Aphrodisio de Castro, o operador profissional de "Ganga Bruta."

Aphrodisio examinou a Camara para Amadores, que era uma Moto-camara Pathé F. 3,5 e mostrou-se encantado com a luminosidade do seu visor.

TALLULAH . . .

REGIS TOOMEY

MANHATTAN PARADE (Warner-First National) — Um Film que é uma satyra a Broadway, seus productores theatraes, seus pseudo genios, artistas, etc. Offerece excellentes momentos para boas gargalhadas, mas o seu successo, ahi, no Brasil, não será, talvez, tão grande como o que obteve, aqui, na America. Smith e Dale, que interpretam os dois empresarios, falam num dialecto gosadissimo, denunciando a origem judaica... Só isto é motivo para que o bom "yankee" solte gostosas gargalhadas com a maneira por que elles falam. Winnie Lighter, Charles Butterworth, Louis Alberni estão no elenco. Winnie está bem, mas o Film fará rir por causa de sua historia e seus episodios impagaveis. Todo colorido, pelo processo technicolor.

MIDNIGHT PATROL (C. C. Burr — Monogram Pictures) — Assisti a este Film, num "studio preview", processo usado por todos os studios de Hollywood. O Film, uma vez terminado, é lançado juntamente com um programma qualquer num Cinema de bairro. O publico não sabe que Film vae ver... Espera-o, entretanto, impaciente. Applaude, se gosta — solta pernachios... se não aprecia. E' interessante uma dessas "previews". Parte do Cinema, reservada para os publicistas do Studio, jornalistas, artistas do Film, productores, recebe, no intervallo os olhares do publico, ansioso para descobrir os artistas presentes.

Estava lá — assim como eu tambem Regis Toomey, Betty Bronson, Edward Kane e outros artistas que tomaram parte em MIDNIGHT PATROL. C. C. Burr, antigo productor das comedias de Johnny Hines, produziu o Film, que será distribuido pela Monogram Pictures, em cujos Studios foi Filmado. Um elenco enorme, onde os "fans" encontrarão — Earl Foxe, Mary Nolan, Edwina Booth, Mack Swan, Snub Polard, Ray Cook, Ted Sloan, Regis Toomey, Edward Elliot, Mischa Auer, Jack Mower — emfim, um *cast* com nomes populares. O Film, dirigido por Christy Cabanne, é muito bom. Montagens elegantes, luxuosas; historia interessante e optimos momentos, com piadas gosadas. Regis Toomey tem uma parte de um reporter, genero em que elle é inimitavel. Está excellente. Betty Bronson, sempre encantadora, é o elemento bonito e elegante da historia. Este Film prova que os independentes cada vez melhoram mais, e que em nada ficam a dever aos grandes studios.

UNE HEURE PRÈS DE TOI (Paramount) — No Studio da Paramount, tem convidado especialmente para assistir a versão franceza de "Uma Hora Contigo", cujo elenco tem Jeanette MacDonald, Maurice Chevalier, Lily Damita e outros. Foi uma agradavel surpreza para mim ouvir Jeanette falar um francez, quasi sem accento, delicioso e encantador. Maurice, como sempre, formidavel. Lily Damita é o perigo — a amiga que rouba o marido da sua melhor amiga! O Film toma liberdades com a platéa — os artistas dirigem-se para o publico e com elles conversam... Mas, tratando-se de Film de Lubitsch, Chevalier e Jeanette — tudo é perdoavel. Ha canções, dessas que ficam no ouvido por muitos mezes — piadas, malicia, trechos bem atrevidos, naquella dose especial que só Lubitsch sabe dar ao seu publico. Na noite, á que assisti ao Film, lá estavam Jeanette, Chevalier (que chegou atrazado), Yvonne Valée, sua encantadora esposa, muitos artistas, "extras", membros da colonia franceza. Um ambiente, onde só se ouvia — "Mais, oui, Pardon... Enchanté... N'est-ce pas..." Cumprimentei Jeanette, felicitando-a, em meu nome, no de "Cinearte" e pelos seus "fans" brasileiros. O sorriso que ella deu em troca, aqui o deixo para vocês, leitores.

CARELESS LADY (Fox) — Este é o segundo Film, em inglez, que Raul Roulien fez para a Fox e, anteriormente, chamava-se "Widow's Might". A sua parte é pequena e sem a importancia da que teve ao lado de Gaynor em "Delicious", e onde elle tão

Fortunio Bonanova e Joan Bennett em "Careless Lady"

Kay Francis e Fredric Marsh em "Strangers in Love".

HOLLYWOOD BOULEVARD...

bem se sahiu. O pouco que lhe deu Kenneth MacKenna, o director, a fazer, Roulien o desempenha a contento, cantando uma canção e dansando um tango com Joan Bennett, a estrella do Film. Apparece elle em poucas sequencias: no navio, no appartamento de Joan, em Paris, quando canta e dansa — e a seguir em duas outras scenas, incluindo uma num "cabaret" elegante, onde nada tem a fazer. Foi pena que MacKenna tão pouco lhe desse, privando-nos, assim, de o ver na tela e admirar a sua habilidade artistica.. O Film narra uma historia futil e dirigida sem grande brilho, enxertada com alguns trechos engraçados, onde os dialogos são espirituosos e bem feitos. John Boles é o galã, não faltando a classica scena do socco nos queixos do villão, quebrando, como de costume, os vidros de uma janella, afim de chegar em tempo... Fortunio Buonanova é um villão acceitavel. Linda Watkins, Homer Wyburn, (reparem como elle se parece com Clark Gable...) e Nora Lane completam o elenco. Ambientes elegantes, lindissimas toilettes e uma excellente photographia que muito auxiliou os *close-ups* de Joan Bennett. E os *fans* esperem para ver Raul Roulien, no seu segundo Film da Fox. A critica local, commentando a estréa, teve opinião favoravel á actuação do nosso patricio.

SCARFACE (United Artists) — O mais discutido Film destes ultimos tempos, combatido, atacado pelos zelosos funccionarios das diversas juntas de censores de varios estados da America, teve, afinal, a sua exhibição em Los Angeles para casas repletas. A polemica que os jornaes abriram em torno da sua exhibição, os annuncios, declarando que a versão exhibida, era a original — *não censurada*... fez com que todo o mundo quizesse ver aquillo que os censores queriam impedir que elles não vissem! A United Artists está batendo "records" em Los Angeles... *Scarface* é um Film, produzido por Howard Hughes, para a sua companhia, Caddo e distribuido pela United Artists e annunciado como *o ultimo dos Films de gangsters*... Inicia-se com alguns titulos, dirigidos ao publico, dizendo que o Film tem o proposito de pedir ao governo uma providencia á seguranca de cada cidadão, principalmente, em New York e Chicago, onde as quadrilhas rivaes se matam, numa verdadeira guerra, sem treguas, sanguinaria, nas proprias barbas da policia, manchando este paiz com uma nodoa terrivel!... Todos os varios incidentes horrorosos que o Film revela são veridicos e, antes, foram tratados na primeira pagina de todos os jornaes da America. Colligidos num livro Ben Hetch, especialista nestes assumptos de crimes e quadrilhas, fez delle um scenario, que Howard Hawks dirigiu. Tudo quanto o publico ali vê aconteceu... Paul Muni nos dá no bandido, Tony Comonte, o retrato do celebre Al. Capone — fazendo da sua parte uma peça admiravel de representação. Elle empolga, domina a platéa, do principio ao fim. George Raft, que faz o seu guarda-costas, apparece em muita evidencia e o seu desempenho foi tão bom, que a Paramount o contractou para o seu elenco; Karem Morley, pouco faz, Ann Dvorak, encantadora, está esplendida, Vince Barnett, no *gangster* ignorante, fornece optimas gargalhadas. Boris Karloff, no rival no negocio do contrabando de bebidas, muito bom; Osgood Perkins, e outros completam o elenco. Preparem-se para ver mortes de todos os feitios — tiroteios verdadeiras guerras nas ruas de uma cidade, sangue, da primeira á derradeira scena, crime, pavor, miseria moral... Mas, Scarface faz os

(Termina no fim do numero).

A TELA

HARDIE ALBRIGHT E MAUREEN O' SULLIVAN EM "BABEL DE FERRO".

A CASA DA DISCORDIA (A House Divided) — Film da Universal — Producção de 1931.

William Wyler foi sempre um director interessante e differente, mesmo. Seus Films agradavam, geralmente, e elle mostrou, varias vezes, ser conhecedor perspicaz das qualidades innumeras do verdadeiro Cinema.

"A Casa da Discordia", este seu presente trabalho, é mais uma prova de que elle não só é bom director, como, tambem, contínúa fazendo Cinema do bom e empregando o mais possivel de acção para o minimo de dialogos. O Film que commentamos tem varias sequencias totalmente silenciosas e varias das faladas apenas utilizando o dialogo estrictamente necessario.

Como bilheteria, "A Casa da Discordia" deixa a desejar. Como arte, tem varios pontos de valor indiscutiveis e, note-se, ninguem está sujo ou maltrapilho, apesar da historia passar-se entre rusticos. O proprio Walter Huston, paralytico, tem um rosto agradavel. Comprehendendo isso, William Wyler fez um film forte, humano, curioso, cheio de emoção e com um "climax" ennervante. A historia da vida do marujo Seth Law e seu filho Matt, pode, a principio, parecer forçada e demasiado brutal o caracter do pae. Tão eloquentes e tão numerosos são os detalhes que explicam quem aquelle homem rude e estupido é, que a gente acaba convencida, mesmo, de que Seth Law existiu e fez todas aquellas perversidades e apenas por uma questão de genio.

Ha muita observação, bastante psychologica, interessante estudo de caracteres no Film. A "camera" recorta as personagens nos menores detalhes e o scenarista incumbiu-se de provar que o Cinema é a linguagem ainda a mais bonita e eloquente que existe... O inicio do Film é impressionante. Aquella scena da taverna, depois do enterro, exquisita e com um grande sabor de inédito. Formidavel reacção do filho ante a selvageria do pae. Depois o Film segue seu curso normal, sempre bom e interessante, até á chegada de Helen Chandler, quando começa a crescer, novamente e o faz até á noite do casamento, que é sensual, tragica, medonha, desnorteante. A luta do pae e do filho, humana e violenta. O estado em que fica o pae, victima de uma quéda, um castigo que se impunha. A scena com o medico, quando este lhe diz que jámais andará, é tragica e ennervante, igualmente. E até ao final, aquella noite de tempestade, o Film contínúa erguendo-se, magistral, até ás ultimas scenas que são já vulgares, se bem que bem photographadas e impressionantes, mas tambem dentro do Film, se bem que um final infeliz fosse o mais justo naquelle caso.

Quem gostar de historias fortes, assista. Quem gostar de bom Cinema, assista. Mas quem preferir illusão e a belleza, num Film, não veja, porque este é cruamente humano, se bem que photogenico. O nome de William Wyler já merece especial attenção dos "fans".

Walter Huston domina o Film todo com mais uma interpretação magistral. Elle é Seth Law e ninguem se lembra delle a não ser assim, durante o Film todo. O typo do artista que, sob o aspecto Cinematographico, ainda mais agrada. Nas mãos de outro, este papel daria um exaggero desses que conhecemos muitos...

Kent Douglas, contínúa progredindo. Helen Chandler, igualmente bem. O seu papel é interpretado com muita vida e belleza.

Notaveis angulos e um grande e confortador senso de Cinema pelo Film todo. Vivian Oackland e Frank Hagney apparecem. Argumento de Olive Edens.

Cotação: — MUITO BOM.

RUAS DE NEW YORK (Sidewalks of New York) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

Carlito na Europa, sem probabilidades de voltar tão cedo. Harold Lloyd cada vez mais millionario e occupado com negocios fora do seu ramo e especialidade e fazendo um Film por anno, apenas, Buster Keaton dono completo é das gargalhadas de todo mundo.

Seus Films, além disso, todos elles, são cuidados, interessantes, bem feitos. Este resente-se de um director melhor do que os "caninos" Jules White e Zion Myers ("caninos", dizemos, porque ainda não lhes perdoamos as comedias com cachorros que elles fizeram e ainda fazem para Hal Roach...). Edward Sedgwick que já voltou a dirigil-o, em "The Passionate Plumber" e já o dirigiu em varios outros, senão todos seus demais trabalhos da época dos "talkies", daria a este Film outra vida. Assim como está, no emtanto, ainda é uma piada excellente e o publico gozou-a gostosamente. Ha situações impagaveis e apenas um exaggero, talvez, de tombos da parte de Buster Keaton, um mestre nisso. A scena do tribunal, no emtanto, recommenda o artista e está optima! Ha outras igualmente engraçadas e algumas vulgares. O final é commum. Correria sem nexo. Mas o Film tem cousas esplendidas e merece ser visto, sem duvida, principalmente nesta época de carrancas e calculos e mais calculos sobre o problema de pagar 300$000 de aluguel de casa com um ordenado de 250$000... Anita Page contínúa como heroina e, sincera como sempre, agrada e é linda, a Anitazinha que a gente quer bem ha tanto tempo! Cliff Edwards está meio cacete e ás vezes engraçado. Muito sem vida, tambem. Norman Phillips Jr. tem um papel saliente e bom. Frank Bowan um "gangster" não para a M. G. M.... Frank La Rue, Oscar Apfeil, Sid Saylor e Cark Marshall, figuram. Não levem as crianças, principalmente se forem muitos os vizinhos e muitas as vidraças...

Argumento de George Landy e Paul Gerard Smith. Operador, Leonard Smith.

Cotação: — BOM.

Complemento: — "Sempre na Chuva", com Charles Chase, dirigido ainda por James Parrott, regular e com alguma cousa boa. Mas inferior a anteriores do mesmo bom comico.

O CODIGO PENAL (The Criminal Code) — Film da Columbia — Producção de 1931 — (Programma Matarazzo).

Quem perceber que o Film se passa numa penitenciaria e é da Columbia, não deixe de ir ao Cinema, vel-o, por causa disso. A gente já sabe que Films sobre penitenciaria já têm sido feitos dezenas delles e, mesmo, tão corriqueiros são quanto os de guerra; a gente tambem sabe que a Columbia faz seus Films com pouca pretensão e, por isso mesmo, communs. Raros são os CAÇULA HEROICO e os como este. Raros. De toda forma, O CODIGO PENAL é digno de ser visto e tem varias qualidades a recommendarem-no, principaes das quaes a direcção de Howard Hawks e o desempenho de Walter Huston no principal papel.

Howard Hawks, que, depois de A PATRULHA DA MADRUGADA tornou-se um director ao nivel dos verdadeiramente bons, mostra mais uma vez o seu pulso em historias fortes e faz do argumento de Martin Flavin um bello Film. Fred Niblo Junior escreveu um scenario razoavel e Teddy Tetzlaff apresenta uma photographia sem cousas notaveis, mas acceitavel.

O elenco, chefiado por Walter Huston, optimo. Contance Cummings não chega a dar uma impressão exacta sobre o que lhe é possivel fazer. Phillips Holmes, no emtanto, excellente e perfeito. Boris Karloff — é preciso notarem que este Film é anterior a FRANKENSTEIN — a seguir, notavel, tambem, num papel de sua especialidade e feito com intelligencia. Não ha duvida, mereceu o contracto com a Universal.

Os demais, bem.

De momentos fortes e eloquentes, está cheio o Film. O interrogatorio de Walter Huston a Phillips Holmes, depois que Boris Karloff assassina Clark Marshall, intenso e bom. Bons, igualmente, varios outros momentos e o espirito daquelle hysterismo que invade Phillips Holmes, uma cousa humana e delicadamente suggerida e mostrada no Film. A gente ainda sente que "falta qualquer cousa". Essa "qualquer cousa" é o acabamento do Film que, embora perfeito, ainda assim dá a impressão de uma fazenda formidavel cortada por um alfaiate da rua Senador Euzebio...

Cotação: — BOM.

INQUISIÇÃO MODERNA (Ruling Voice) — Film da First National — Producção de 1931.

O Film chamava-se UPER UNDERWORL quando foi lançado e depois é que lhe mudaram o titulo para RULING VOICE. Este ultimo não é mau. Referimo-nos a isto, porque UPER UNDERWORLD, de facto, tambem não era mau titulo e definia bem a situação dessa nova especie de banditismo que focalizada é neste Film dirigido por Rowland V. Lee. E' o banditismo mais elevado, entre gente de casaca e um pouco sobre o nivel das bebidas, cousa réles... A historia, neste particular, agrada e tem pontos originaes, se bem que nada de formidavel seja. Rowland V. Lee dirigiu um bom Film, quando poderia tel-o feito optimo. Narra, o argumento

delle proprio Rowland e seu irmão Donal, scena-
rizado por Robert Lord, a aventura constante de
Jack Bannister, um homem que tinha um "sys-
tema" de trabalhar acobertado pelo seu apparen-
te officio de constructor e apoiado por uma re-
união de forças financeiras que com elle dividiam
lucros e não poucos. E exploram as companhias
de generos alimenticios, de materiaes para con-
strucção, e de leites, de tudo, em summa. Obri-
gam-nas a pagar uma taxa de "protecção", em-
bora encarecendo o producto e, caso contrario,
destroem-nas usando mil e um recursos e os mais
criminosos, tambem. Este é o thema e novo, em
certos aspectos, se bem que tombe para a valla
commum: — "gangsters". Além desta qualidade
do thema, salienta-se Walter Huston, um artista
que veiu do theatro, comprehendeu e acceitou a
maneira Cinematographica de representar e, neste,
vem brilhando em successivos e esplendidos des-
empenhos.

Sem Walter Huston, este film, já um pouco pesado e arrastado, pouco valeria. Loretta Young está linda e pergunta-se porque não apparece mais vezes.

David Manners um galã, apenas. Doris Kenyon é que tambem tem uma boa opportunidade e aproveita-a excellentemente. Ainda é linda e tem aquelle mesmo sorriso que foi a alegria da vida de Milton Sills... Optima artista, igualmente. Seu papel é saliente e importante. John Halliday apparece e o scenarista teve a feliz idéa de o liquidar logo no principio. Dudley Digges figura num papel interessante e boa caracterização. Willard Robertson tem um papel tragico muito bem desempenhado e Gilbert Emery e Douglas Scott, figuram.

Cotação: — BOM.

PAE INESPERADO (The Unexpected Father) — Film da Universal — Producção de 1932.

Ha annos, quando era sua época de fama como comico de primeira grandeza, Reginald Denny fez, para a mesma Universal, PAPAE!, uma comedia que Dale Van Every escreveu e é esta mesma que, agora, vemos em versão falada com Slim Summerville substituindo-o... Sem duvida alguma substituições foram feitas e, diga-se, a primeira

EM REVISTA

versão era melhor, tanto mais que era silenciosa. Esta, no emtanto, tem uma vantagem: — Cora Sue Collins. Esta pequena é optima e melhor do que Janet La Verne que fez o papel naquella versão. Zasu Pitts substitue Barbara Kent e com aquelles mesmos tregeitos de mãos e modos todo seus e realmente engraçados. Slim Summerville, com a mudança de caracter soffrida na personagem que elle vive e justamente para nelle poder caber, sahe-se bem. Tom O' Brien, nesta versão, tem o mesmo papel que teve na silenciosa.

Uma comedia com situações conhecidas, tem sua graça. A pequena Cora Sue e Slim valem dois milhões e Zasu Pitts ajuda muito. Dorothy Christy, Allison Skipworth, Claud Allister e Tyrrell Davis, figuram.

Podia ser mais movimentada e ficaria melhor...

Cotação: — BOM.

BABEL DE FERRO (Skyline) — Film da Fox — Producção de 1931.

Mais uma refilmagem de assumpto que o Cinema silencioso já focalizou. Este Film é tirado da novella de Felix Riesenberg, "East Side, West Side", da qual a mesma Fox, ha annos, fez TITANIC, com George O' Brien no papel que desta feita tem Hardie Albright e Thomas Meighan vivendo o de Hollmes E. Herbert. Virginia Valli era a Myrna Loy de hoje e June Collyer a Maureen O' Sullivan. Lembram-se?...

Ainda esta vez estamos com a versão silenciosa que, se muito melhor não era, tinha a vantagem de não ter Hardie Albright que, é uma das caras mais britannicas que já temos visto em Films... E comparado com George O' Brien, então... Modificaram-se varias situações e varias cousas, mas a direcção de Allan Dwan era melhor do que a de Sam Taylor.

Stanley Fields é o pae de Hardie. Donald Dillaway, Robert Mc Wade, Dorothy Peterson e Lee Shumway, figuram. Scenario de Kenyon Nicholson e Dudley Nichols.

Vê-se sem grande aborrecimento e pena é que o elenco tenha gente tão pouco photogenica. Maureen é sem gracinha apesar de sympathica e Thomas Meighan está tentando resuscitar, mas... sua época já passou. São os "bons tempos" que todo velho recorda e que elle deve recordar tambem, sem jámais pensar em ser galã ou cousa semelhante.

Cotação: — Bom.

SUSAN LENOX (Susan Lenox, Her Fall and Rise) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

Film que soffre qualquer incidente antes ou depois de sua Filmagem, incidente de producção, é logico, sempre apparece ao publico com altos e baixos. Este não é bem o caso de "Susan Lenox", é certo, mas o caso é que King Vidor iniciou os trabalhos e não os proseguiu, affirmam algumas noticias, contrariado com a opposição de Greta Garbo a certos aspectos que elle queria inculcar ao Film. Substituido por Robert Z. Leonard e acommodadas as cousas, concluiu-se a historia de David Graham Phillips que Wanda Tuchock scenarizou.

Foi isso que succedeu. Com King Vidor ou com Robert Z. Leonard, no emtanto, não cremos que sahisse, mesmo, cousa melhor. A historia é um pouco fora do verdadeiro genero de Greta Garbo e, além disso, contraria aos generos das especialidades de quaesquer dos dois directores indicados. A direcção que Robert Z. Leonard imprimiu ao Film, sem duvida, é boa e normal. Os artistas estão sob o pulso de alguem que entende seu officio, sente-se e o Film todo está bem guiado. Mas longe, muito longe do brilho da direcção de "A Divorciada", por exemplo, onde Robert Z. Leonard esteve mais do que á vontade.

Assim, Greta Garbo foi menos feliz neste Film do que em "Inspiração". Clarence Brown já a conhecia como a palma de sua mão e, aliás, foi pena que desaviessem um director e uma "estrella" que trabalhos tão admiraveis já nos tinham dado. (Exclua-se "Anna Christie", é logico...) De toda forma, "Susan Lenox", em aspecto geral, agrada. O seu romance amoroso interessa e apesar de ser facil adivinhar o final, ha idyllios bonitos, situações que interessam e um todo harmonico que faz passar agradavelmente o tempo de sua projecção. O penteado de Greta Garbo tambem está contra ella, no Film. Torna-a differente, mas não a faz mais linda, por isso.

Representações, perfeitas tanto della como de Clark Gable. Pela primeira vez galã amoroso, sem murros e sem "gangs" em torno, bem se sahe Clark Gable da tarefa. A photographia de William Daniels e camaradagem de Greta Garbo, que, parece, é muito sincera com seus galãs, favoreceu-o, diga-se, com varios "close ups" que muito farão por elle no conceito publico. E' o primeiro Film que o apresenta realmente galã e apesar de ter tido melhores opportunidades, já, está optimo. Jean Hersholt, Alan Hale, John Miljan, Hale Hamilton, Hilda Vaughn, Russell Simpson, boas tintas. Pouco a fazer, mas dando um colorido adequado á tela de Robert Z. Leonard.

Ha, no inicio, uma semelhança interessante com o scenario de "Mulher...". Os "fans" de Greta Garbo vão discutir a qualidade do Film. Mas o publico em geral gostará delle.

Cotação: — BOM.

O MORTO VIVO (River's End) — Film da Warner Bros. — Producção de 1931 — (Programma First National).

Um Film que tem Charles Bickford já dá uma vontade de pegar o primeiro omnibus e ir dar uma volta á Copacabana... E, imaginem!, um Film de Charles Bickford na policia montada do Canadá, o que dá vontade de fazer?... Mas não fazemos, não, porque ainda temos que assistir "Mata Hari", "Deliciosa", "Más Intenções" e outros Films realmente Films...

Pois é. Charles Bickford na Policia Montada do Canadá... E quem não acreditar, que assista. O que ainda peora a situação delle é que o titulo é "O Morto Vivo..." E o Film, exhibido a quasi um anno em S. Paulo, depois de longo descanço nas hesitantes prateleiras da First, cahiu nos projectores do Parisiense... o que equivale a dizer: — Charles Bickford, Policia Montada do Canadá e o elenco todo alongado e encomprido pelos projectores do Cinema...

Evalyn Knapp é a pequena. J. Farrell Mac Donald apparece. David Torrence... (nóssa Senhora!), Zasu Pitts (ora graças!, finalmente alguem!), Junior Coghlan, Walter Mac Grail e Thomas Santchi (toque de alvorada para a turma do somno, parece...) figuram no elenco. O director felizmente tem melhorado muito e o seu mais moderno Film, "Gloria Amarga", apaga esta mancha, no caderno de "comportamento" da sua carreira. Elle é Michael Curtiz.

Argumento de James Oliver Curwood, um dos mais "perobas" (não é trocadilho com as madeiras, arvores e lenha que elle sempre põe nas suas historias!...) entre os novellistas americanos, com scenario de Charles Kenyon que não offerece novidades.

Cotação: — REGULAR.

O SEDUCTOR (The Deceiver) — Film da Columbia — Producção de 1931 — (Programma United Artists).

O elenco soffre uma invasão de "perobissimos", como o incrivel Ian Keith que a gente só tolera como "extra", hoje, depois de o ter supportado como galã até de Gloria Swanson, antehontem... Lloyd Hughes, que é o mesmo de a dez ou mais annos passados, quando trabalhava para Thomas Ince sob a direcção de Fred Niblo e como galã de Enid Bennett. Mesmos gestos, mesmas attitudes, mesmos olhares e mesma caceteação. Natalie Moorhead, Lilyan Tashman da "segunda divisão". Richard Tucker, Paul Lukas de Catumby. Fora a pobrezinha da Dorothy Sebastian que já deu o que tinha que dar e agora até em comedias em dois actos já anda é a unica que a gente desculpa, porque se quiz muito bem á ella, já.

O director foi Louis King que, em Cinema, de notavel, só tem feito dirigir Buck Jones e mais "cow boys", inclusive o pequeno ou ex-pequeno Buzz Barton, para a extincta F. B. O. Já se vê... E ser irmão de Henry King não basta e nem é documento, "seu" Louis!

Da historia "It Might Have Happened" (Podia ter acontecido) — e nós tambem achamos que "podia ter sido melhor" — de Bella Muni e Abem Finkel, Charles Logue, fez o scenario!

Cotação: — REGULAR.

OS BANDIDOS DE NEW YORK (Scareheads) — Richard Talmadge Prod. — Prog. V. R. de Castro.

Richard Talmadge, no seu genero, em que aliás é admiravel, diga-se a verdade. Os seus pulos e as suas aventuras agradarão em cheio aos apreciadores do genero. True Boardman, Gareth Hughes e King Baggott e outros fora de moda, tomam parte.

Cotação: — REGULAR.

:: :: ::

Johnny Weissmuller, o famoso campeão de natação, que foi protagonista de "Tarzan, the Ape Man", assignou novo contracto com a Metro Goldwyn-Mayer, e está fazendo uma tournée pelos cinemas americanos, juntamente com a exhibição desse film. A Metro deu novo e longo contracto a Wallace Ford.

Walter Huston fala a Cinearte

(F I M)

sa gente. Apreciei, então, a differença do temperamento latino e do nosso; quanta alegria naquelles rostos, quanta expressão, quanto sentimento! Havia em cada rosto um pouco de felicidade, de desprendimento, de serenidade... posso dizer. Gente communicativa, que da alegria pessoal, faz um acontecimento para os que o cercam. O temperamento latino, nesse dia, pude ver bem, se manifesta mais facilmente, e com mais sinceridade. Elles não procuram mascarar um sentimento — sentem-n'o e querem que o mundo inteiro sinta com elles!"

"E na sua carreira, Mr. Huston, conta tambem com um caracter latino", disse-lhe, continuando a palestra tão agradavel que estavamos mantendo.

"Sim. Fui "El Hombre Malo...", um Film que fiz para a First National. Viu-o?" perguntou-me elle.

"Não. No Brasil, exhibiram a versão hespanhola, feita por Antonio Moreno e que, por signal, era bem fraca".

Esta minha observação fez com que elle me perguntasse se no Brasil vemos as versões estrangeiras. A minha resposta foi negativa, pois, graças aos céos, ficamos livres, ha muito, das versões hespanholas — decididamente o maior erro e tambem, como a pratica provou e sempre "Cinearte" disse, deram o maior fracasso da historia do Cinema, em nosso paiz.

"Vario sempre de papeis. No fundo, elles, entretanto, se parecem, pois o meu typo está enquadrado dentro de determinada especialidade. Tenho feito, entretanto, comedia e drama, Films de acção, dynamicos, rapidos, emocionantes. Tenho sido romantico e sentimental — máu e perverso, amoroso e cruel... Nós, os artistas, nunca sabemos, no fim de contas, o que realmente somos..."

Walter Huston interessou-se pelo Brasil. Affirmou-me receber cartas de muitos **fans** e, na dedicatoria que a mim elle deu, diz que, **algum dia espera dizer-me "Allô", no Rio de Janeiro**... E, como sentirei orgulho em mostrar-lhe essa maravilha que é o meu Rio de Janeiro...

"No momento, e s t o u filmando "Faith" para a Columbia. Um grande Film, que mereceu dessa empresa montagens esplendidas, luxuosas e magnificas, mesmo. Quero que me vá ver no studio, amanhã. Lá, poderemos tirar retratos e, ao mesmo tempo, me verá trabalhar. Gostaria?" pergunta-me elle.

No dia seguinte, estava eu no studio da Columbia, em Gower Street. Recebido por Mr. Voight, fui, acompanhado por Stevens, um seu secretario, até ao **set** do Film "Faith".

No immenso pateo, era grande a turma de extras. Mulheres, velhas e moças — louras e morenas, numa parada pittoresca de belleza e fealdade; rapazes, homens e idosos, velhos de expressão cançada — essa legião dos extras de Hollywood. Walter conversava num grupo. Veiu ao meu encontro. Dou-lhe, então o "Cinearte" em cuja capa estava Ruth Roland. No interior, duas paginas foram consagradas a elle.

"Obrigado. Esplendido. Vae direitinho para o meu album... Agradeça, por mim, ao director da sua revista.

"Venha commigo, quero mostrar-lhe o palco, onde filmamos. Esta scena, que irá vêr, dentro de alguns instantes, representa a corrida ao banco. Eu sou o banqueiro, em que toda esta gente tem confiança — "Fé", que serve de titulo ao Film. Ha a corrida aos fundos, numa scena de acção e muito movimento. Percorremos juntos o **set**. Se não estivesse dentro de um studio, julgaria que entrava num banco authentico. Nada faltava para a realidade. Columnas, fingindo marmore, o soalho era um espelho, brilhando — guichês, balcões — tudo, emfim, a reproducção verdadeira de um grandes estabelecimento bancario.

"Gastaram muito dinheiro para este **set**, o maior que já edificaram aqui neste studio. Gente bôa, aqui na Columbia. Todos muito attenciosos, delicados, tal qual quando trabalhei em "Codigo Penal". De vez em quando volto aqui e, desta vez, gosto immenso da historia que me deram.

"Aquelle ali é Frank Capra, o meu director. Aquella lourinha, lá ao fundo, Constance Cummings, que commigo trabalha.

"O argumento é excellente e li-o, approvando-o. Gosto sempre de saber, antes de assignar contracto, que especie de historia me vão dar. Salvo, assim, a minha parte. Não quero com isso gabar-me. Se a parte se adapta ao meu temperamento e se me sinto capaz de desempenhal-a, acceito o Film. Do contrario, não".

"Mr. Huston!" gritou um assistente de voz trovejante.

Encostei-me a um canto, longe do fóco da camera. Ali, fiquei a observar Walter Huston trabalhando.

Aquelle **Walter Huston** que eu imaginara, que conhecia dos Films, estava de novo deante de mim. A transformação é brusca, intensa, radical. Elle dá ao seu rosto uma nova physionomia, veste-o com a mascara da parte que vive, naquelle momento; transmuda-se, surge um outro homem. Deante dos meus olhos, tinha eu, então, o banqueiro, nervoso, preoccupado, soffrendo a grande crise — a corrida ao banco. Não podia mais descobrir, debaixo dos traços do rosto daquelle **banqueiro**, o Walter Huston que conversara! Era outro, era, realmente, o artista! Ao finalizar a scena, corri a apertar-lhe a mão. Elle agradeu com um sorriso, e veiu conversando commigo até á galeria de retratos. Minutos depois era a hora do almoço, pois a sirene do studio apitara tres vezes.

Já, na rua, elle se despede de mim. Dou alguns passos, quando elle me chama: "Mr. Souto... o meu "Cinearte!"

E lá se sumiu elle, no seu carro, em direcção a Havenhurst, em cuja rua se ergue a **Colonial House**...

Vendo Harold Loyd trabalhar

(Conclusão)

Notei nelle sinceridade, franqueza, camaradagem, esse espirito que deve existir entre patrões e empregados para que os primeiros possam vir a receber dos segundos o melhor de suas forças. Harold, parece, conhece a difficil psychologia do empregado — elle, com um sorriso e uma pilheria, arranca delles tudo o que deseja e não se envergonha de lhes apertar a mão. São todos seus amigos e trabalham com dedicação, vendo nelle não o chefe, o patrão austero, carranca, neurasthenico e soffrendo do figado! Se uma pessoa entrasse no set onde Harold Lloyd trabalha e, desconhecesse a sua posição ali dentro, tomava-o por um simples artista, collega daquella legião de abelhas activas, vivendo o dia inteiro e, muitas vezes, pela noite a dentro naquella colmeia — o studio.

Na scena seguinte, Harold Lloyd longe do angulo da machina, acompanhava o **close-up** de Spencer Charles. Os seus olhos se fixavam sobre o rosto do comico. Elle parecia um espelho dos movimentos de Spencer... Cada expressão do artista, elle a acompanhava, reproduzindo gesto, olhar, e a propria careta. Elle procura infundir no artista que com elle trabalha aquella mesma alegria, aquelle mesmo sentimento de comedia e bom humor e, ao terminar elle agradece, com um "All right", animador e gentil.

Joe estava ao meu lado, quando Harold fugiu ao calor das luzes do escriptorio.

"Harold, este é Mr. Souto, de "Cinearte", diz elle, apresentando-me.

"Muito prazer..." dizemos nós, ao mesmo tempo.

"Linda revista... Do Rio de Janeiro, não ?"

"E como agradam os meus Films lá?" pergunta-me elle, deixando ver a alma do artista e do productor ao mesmo tempo.

"Formidaveis... o publico o quer muito e cada comedia sua é um successo authentico" ,respondo eu.

Elle senta-se e folheia "Cinearte". Esqueci-me de dizer, quando Harold cumprimenta, dá a mão esquerda. A direita, elle, quando trabalha, tem-n'a mettida numa luva côr de carne, de pellica finissima. Como sabem, ha muitos annos, ao filmar uma comedia, em virtude de uma explosão, Harold perdeu dois dedos da mão e, afim de occultar o defeito dos olhos do publico, elle usa essa luva tão fina que ninguem percebe.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood, GILBERTO SOUTO.

Numa das paginas, havia uma pôse de tres garotas — uma dellas era Mary Kornman. Harold fica muito tempo olhando-a, depois chama — "Gene, vem cá! Um homem alto, louro, forte, approxima-se delle e Harold lhe dá o magazine, mostrando-lhe a pequena loura.

"Oh, é Mary!"

Harold volta-se para mim e diz: "Elle é o pae de Mary, e é meu photographo. Está vendo como a tua pequena está ficando popular? Até no Brasil, ella tem retratos publicados..." diz elle para Gene Kornma.

Gene fixa muito tempo a carinha bonita de Mary e diz para Harold: "Veja só como ella se parece com a mãe... O retrato vivo!"

Conversámos, ainda, alguns minutos. Mas, Harold, ali, apesar de chefe, sabe obedecer ás ordens do director. Levanta-se e diz-me: "Volte, aqui, de novo. Podemos, em outra occasião, conversar melhor. Agora, como vê, trabalho sem cessar e tenho que obedecer ao meu director..."

Agora, elle entra em scena. Spencer Charles procura numa gaveta um papel qualquer. Harold, entrando em scena, receoso — senta-se numa cadeira. Procura um logar para pousar a palheta e colloca-a finalmente bem junto dum pequeno ventilador de mesa. Com este gesto seu, o elevador põe-se em movimento — fazendo voar uma quantidade de papeis para cima do irritado chefe de producção do studio, onde Harold queria conseguir trabalho...

A scena requeria que um dos papeis ficasse pegado ao rosto de Spencer Charles, num detalhe comico. Para mais de oito vezes elles filmaram a mesma scena. Os papeis voavam em todas as direcções, menos para cima do rosto de Charles... Isso me deu a comprehender que filmar é difficil, mas produzir uma comedia é cem vezes mais trabalhoso

A scena, finalmente, sahiu a contento. Impagavel, pela expressão de Spencer Charles e pelo trabalho de Harold Lloyd. Este, entre uma e outra scena, vive brincando. Imita cantores de radio... fez até uma imitação de gallinha, cacarejando... Depois, elle mesmo se incumbe de soltar a gargalhada. Em seguida começou a falar com uma voz differente e a rir de um modo particular. O assistente de Brockman, que estava o meu lado, diz-me: "Elle está imitando Fred Newmeyer, o director..."

Esta ultima comedia de Harold Lloyd, que deverá ficar prompta dentro de mez e meio, provavelmente, será lançada immediatamente, pois são innumeros os pedidos do publico e, por conseguinte, dos exhibidores por uma nova pellicula de Harold Lloyd. Ainda este anno, Harold deverá fazer outra e, ao mesmo tempo, produzir uma serie de comedias com Eddie Quillan, no protagonista.

Tinha eu chegado ao palco ás cinco horas da tarde e já eram quasi sete quando o deixei, podendo nesse tempo observar o famoso comico nestes detalhes que passei aqui para o papel. Como terei, breve, uma entrevista com elle, logo que a sua actividade permitta, então poderei completar as minhas observações sobre esse comico tão querido e tão popular. Elle prometteu-me falar para os brasileiros e os leitores de "Cinearte" e, a sua promessa será cumprida, dentro de algum tempo. Até lá, os amaveis leitores esperem e, emquanto isso aguardam tambem a proxima estréa de MOVIE GRAZY, que, segundo me disseram, será uma nova e inexgotavel fonte de gargalhadas e neste tempo de crise, uma boa gargalhada faz esquecer as difficuldades e as tristezas...

DE BEIJOS PARA SOCCOS

(Conclusão)

O director Richard Wallace teve a idéa pouco feliz de pedir a elles que executassem uma scena de bofetada justamente no final de um dia de trabalho exhaustivo. Elles, nervosos, entraram em scena e Ruth vibrou em Paul uma bofetada tão violenta, que elle, não se contendo (a scena foi cortada no Film, é preciso saber!) agarrou-a e revidou a bofetada com uma duzia de boas e violentas sacudidelas. Passaram azedos um com outro ainda alguns dias e, depois, sem se pedirem desculpas fizeram-se novamente os bons amigos que são, sem, comtudo, relembrar o incidente.

James Cagney, em "Blonde Crazy" tambem teve opportunidade de levar uma boa serie de valentes bofetadas de Joan Blondell, elle o esmurrador de mulheres. (Se bem que em "Crowd Roars" elle tirasse a "forra"!) Joan, além disso, é bastante musculosa (exercicios de natação, principalmente) e já tendo posto a "knock down" um cavalheiro que a quiz beijar, na rua, derramou o braço com fé no rosto pouco sympathico de James. Este não disse nada e teve que "aguentar firme"...

Em "Cock of the Air" Chester Morris passa valentes palmadas em Billie Dove. E dizem que não foram sorrisos o que Billie deu quando a scena terminou...

O exemplo tambem atacou as proprias mulheres. Quem assistiu "O Tenente Seductor" ainda se ha de lembrar da troca de bofetadas entre Miriam Hopkins e Claudette Colbert, num dos bons momentos do Film.

Agora imaginem se elles põem Dolores Del Rio e Lupe Velez num Film, juntas, em papel de rivaes... Ellas que tanto se amam!... (Lembrem-se que Lupe quasi amarrotou Jetta Goudal por muito menos!)

Ou Rex Lease, que certa vez esmurrou Vivian Ducan deixando-a com um olho preto, num mesmo Film com Nils Aster, como rivaes...

Ou Helene Costello voltando ao Cinema como "esposa" de Lowell Sherman, do qual se divorciou affirmando não o tolerar mais...

Jim Tully, que certa vez esmurrou John Gilbert, foi o unico que mais tarde, trabalhou em "Marujo Amoroso", com John e nada aconteceu... Mas de Jim é licito tudo esperar...

E quantos "fans" teremos, que nem siquer tolerarão estas scenas?...

Queremos homens de verdade

(FIM)

para si. Apreciei intensamente todos os instantes da nossa representação, juntos, em "Sangue por Gloria".

Houve um homem que os jornaes chamaram de "touro selvagem dos Pampas", o argentino Firpo, pugilista de physico avantajado, igualmente. Apesar delle só ter aguentado um só "round" com Dempsey, foi cercado pelas attenções de mulheres ás centenas que lhe deram muito que fazer... E elle, diga-se, era dos mais feios que tenho visto, em vida...

As mulheres, confessemos, ainda são extremamente romanticas. E' isso que as tornam assim sensiveis aos papeis que assistem nos Films. Algumas andam louquinhas por amor e aventura. Os Films satisfazem essa sede de successos romanticos que ellas ambicionam tanto. E em épocas tão frias e indifferentes com esta que atravessamos, sem duvida é um conforto saber que o Cinema ainda consegue isso.

Não posso affirmar que nós, em nossa presente geração, sejamos argutas e felizes como fazemos tudo por acreditar. Mas "queremos" sentir isso e eis porque tudo quanto nos suggere a emoção que procuramos, fascina-nos.

Nas ilhas dos mares do Sul, affirma-se, os nativos têm a vida presentemente mais feliz, do globo. Problema presente algum, por mais complexo que seja, attinge-os. Vivem um seculo atraz, dentro do nosso. Isso é que seria o ideal para toda mulher romantica. Mas, infelizmente, não podemos mudar de côr, de um instante para o outro...

Ha homens de Cinema, gigantescos de portes que, no emtanto, pessoalmente conheci-os como cordeiros. Quanto aos luctadores e musculosos gigantes dos "rings" mundiaes, já tive opportunidade, tambem, de ser apresentada a varios que coravam quando me estendiam a mão...

São essas as desillusões que citei acima..

Quem é verdadeiramente Ricardo Cortez

(F I M)

proposito de dizer logo a verdade a seu respeito. Os reporters apresentaram-se, muitos, mas foi ahi que elle constatou que os indagadores reporters jamais perguntavam é cousa alguma...

Dez annos depois, a pergunta de um mais corajoso, convidando-o a acceitar um papel de judeu, timidamente, dá-lhe a opportunidade que ha tanto elle vem esperando...

Eis que lhe devolvem tudo estas declarações: — Patria, credo religioso, torrão natal e tudo! Finalmente tem elle o direito de viver ao lado da arte e ao lado da sua consciencia tranquilla tambem.

A primeira entrevista de Clara Bow depois do casamento

(F I M)

je, innegavelmente, está mais moça e menos abatida do que nos seus ultimos tempos com a Paramount. E mais ardente e impetuosa, igualmente. O mesmo encanto de sempre e uma chamma nova, sensual e exquisita, que ainda a torna mais admiravel do que nunca.

— Rex ensinou-me e não cansa de me ensinar o valor do dinheiro. Faz com que eu assigne meus cheques eu mesma e, hoje, sei onde anda e onde vae meu dinheiro. Pago metade das despesas da casa e elle paga a outra. Breve, graças a seu novo contracto, vae pagar a despeza elle só.

Clara Bow está typicamente transformada numa dessas recem-casadas que acham o maridinho ideal. E vive pensando no futuro, cheio de sonhos e fantasias bonitas, cousas com as quaes, até aqui, nunca conseguiu sonhar...

Rex, chegando e tambem falando commigo, disse-me.

— A minha presente razão de viver, é conservar a felicidade de Clara Bow. Ella não sendo feliz, como serei eu? Antes de tomar conta dos negocios de Clara e della mesma, jamais tive aborrecimentos. Esses que me advêm, della, no emtanto, são ainda assim esplendidos e... porque me vêm della. Os aborrecimentos della são meus e graças a Deus!

Pensou um pouco, trocaram um olhar apaixonado e elle me disse, arrematando o que eu queria naquelle lar feliz ouvir.

— Se me casei com Clara, foi porque a adoro. Para mim ella não é a sensual pequena de cabellos de fogo, a menina do it e, sim, uma doce, meiga e adoravel companheira.

Terminaram, nessa curva da estrada, as penas e os aborrecimentos de Clara Bow. Encontrou um lar. Abrigou-se nelle. Encontrou um homem de caracter que a quiz, como ella o quiz. Contemplem o sorriso feliz e meigo da senhora Rex Bell

Hollywood Boulevard

(F I M)

nervos da platéa vibrar, proporcionalhe emoções diversas. Será, sem duvida, um grande exito de bilheteria, pois foi dirigido por mão de mestre e desempenhado por um punhado de artistas de valor, destacando-se, sem duvida, Paul Muni. O Film tem um andamento rapido, como o troar das metralhadoras que os bandidos usam... A United Artists está de parabens, e Howard Hughes deu ao Cinema outro grande Film.

Vidas Particulares

(Continuação)

— Eu acho que você não é complexa, absolutamente.

— Sim, sob o seu ponto de vista, não sou dessas que admiram os chinezes ou os sapatos velhos, doentias que são. Mas sei, Vic, que não sou nada perfeita.

— Não é perfeita?... Não me assuste. Mas não é perfeita em que sentido?

— Em varios. Na moral, por exemplo... Não sei, muito bem, o que se deve e o que se não deve fazer.

Victor procurou disfarçar o aborrecimento com uma risadinha sem geito. Depois disse, procurando reaffirmar-se.

— Acho que você me ama de forma muito diversa daquella com que amou Elyot, não é?

— Não me fale em Elyot, já disse.

Ouviram musica.

— Ouça. Musica! Deve ser da terrace.

Ergueu-se, chegou á janella, abriu-a e deixou que todo panorama admiravel que daii se descortinava, invadisse a sala. Passou para o lado de fóra e de lá, respirando forte o ar puro daquella noite magnifica, disse para a esposa.

— Mandy, venha para cá.

Amanda chegou-se ao marido.

— Ainda me sinto quente do banho, meu bem. Tenho medo de apanhar algum resfriado forte.

Ficaram alguns momentos ouvindo a musica que vinha lá de baixo e olhando a noite cheia de estrellas.

— Que loucura isto é para uma lua de mel...

— Tambem acho, querido.

— E onde foi que você passou a... "outra"?...

— Victor, Victor...

— Quero saber.

— Foi em St. Moritz. Tambem lindo, o local.

— Pois eu detesto, odeio St. Moritz!

— E eu tambem!

O tom de sua voz foi amargo. Victor apreciou o que ella disse. Apenas o tom daquella phrase ficou cantando em seus ouvidos. Contemplou-a entrando para o interior da sala. Procurou seguil-a e disse.

— Mas Elyot começou a discutir com você logo, logo?

Amanda voltou-se, enfurecida.

— Para o diabo com esse Elyot, Elyot e mais Elyot, sim?

— Mandy!

— Prohibo-lhe que mencione de novo esse nome, entende? Já estou delle até aqui, sabe? Aqui estamos, casados, em lua de mel, a lua sorrindonos, a musica tocando um episodio romantico, tudo quanto se pôde esperar em ambiente e situação para um romance e... discutindo meu primeiro marido! Ora, Vic, isso é sacrilegio!

Victor seguiu-a, sempre nervosa.

— Não se zangue...

— Pois saiba que é muito aborrecido.

— Perdoa-me?

— Perdôo... mas não torne a fazel-o!

— Prometto. Beija-me, sim?

— Beijaram-se.

— E agora vou ver se arranjaram os cocktails que pedi!

Amanda suggeriu que tômassem o cocktail na terrace, gosando aquella noite aprazivel. Sybil, do outro lado pensou da mesma forma quando Elyot preparou-se para tomar o cocktail que tambem ecommendára. Emquanto ellas se preparavam, ambos os mar

(Conclue no proximo numero)

Hollywood Boulevard

(Conclusão)

No palco de "Brown of Culver", em Universal City, encontro-me com o pae de Tom Brown, um cavalheiro agradavel e gentil. Tom estava trabalhando numa scena e, mal a termina, vem e senta-se ao meu lado. Veste calção de boxeur, luvas e sobre os hombros tem um roupão. Dos seus labios e de sua testa corre um filete de sangue... artificial, feito com tinta vermelha. Era o primeiro dia de filmagem e William Wyler andava serio e preoccupado com uma scena difficil de filmar. Kit Guard, e uma quantidade de sujeitos de caras patibulares e narizes amassados davam ao ambiente a impressão exacta de um stadio de Box. Uma fila de chuveiros, pequenos compartimentos para mudar a roupa... Vi Kit Guard tomar seis banhos... pois fôra obrigado a repetir a mesma scena seis vezes... Tom anda contente da vida. O Film, de que é primeira figura, lhe dá excellente opportunidade e uma visita a Indianopolis, para locação de "Brown of Culver", na celebre academia militar desse estado. Arletta Duncan, derramando um sorriso tão bonito como a primavera lá fóra, chega-se a nós. Aperta-me a mão, gentilmente. Agora, ella está melhor, pois operou a garganta. Está queimada do sol... Santa Monica e Malibu, as praias onde as estrellas se banham, estão agora em plena estação... Corpos bronzeados se estendem pelas areias alvas, num contraste e se o leitor andasse pela praia haveria de encontrar tambem Arletta, Tom Brown, Russel Gleason, B'n Alexander... os campeões de Santa Monica!

Almocei com Tom, seu pae e um outro rapaz, de nome Tex. Este ultimo está conseguindo um contracto. Trabalhou no palco, em New York e fez dois **shorts** para a Paramount, em Long Island. Agora, veiu tentar Hollywood e para isso conta, além do seu talento e da sua photogenia, a amisade de Charles Ruggles e de Tom Brown, que está fazendo tudo por elle. E se elle conseguir trabalho, as fabricas não lhe fazem favor. Tex é um rapaz com qualidades para o Cinema!

Nesse mesmo dia, almoçavam no pittoresco restaurante de Universal City, lembrando uma cabana do oéste, em madeira, e cujos cabides são patinhas de animaes selvagens; o ambiente é decorado com cocares de pelles vermelhas, flechas e armas dos tempos de Buffalo Bill... Ali vi, Lew Ayres, Andy Devine, James Whale, Richard Cromwell, que tambem está no elenco de "Brown of Culver", John Ford, que vae dirigir "Shanghai Interlude". Elle volta á casa paterna depois de uma ausencia bastante longa... Le Roy Johnston, . amavel e camarada... Kurt Newman, director, Stevens Oslow, novo artista contractado e que está como protagonista de "Heroes of the West", a nova serie.

Laemmle Junior chega, acompanhado de Henningson, gerente geral do studio... E, ao findarmos o almoço, já eram duas horas da tarde. Tom voltou para o set, a continuar a scena e eu e Tex regressámos a Hollywood, na sua barata...

—

Os jornaes andam cheios de noticias sobre a provavel partida de Greta Garbo, que decidiu não renovar o seu contracto com a Metro Goldwyn-Mayer, segundo se publica. Greta diz — "I GO HOME!" — isto é, volto para casa!... A ameaça da famosa estrella sueca anda sobresaltando a empresa. Elles tem feito tudo para a conservar no elenco, pois Greta Garbo, aqui na America, como em todo o mundo, é, hoje, o nome mais popular e a bilheteria mais extraordinaria. O seu contracto termina no fim de Abril... e parece que ella está mesmo disposta a voltar para a Suecia. Greta Garbo possue, hoje, uma fortuna colossal — fructo do seu trabalho e das suas economias. Ella é uma das artistas mais cautelosas de Hollywood e o seu dinheiro nestes seis annos tem duplicado nos bancos. Dizem que ella vae produzir Films na Suecia... que vae para a França descançar, fugir aos olhares e ás perguntas dos reporters... Greta desde que chegou a Hollywood não teve a solidão que tanto ama. E' procurada como **avis-rara**, espionada, seguida, sem ter um momento sequer de socego. Talvez isso seja o motivo da sua resolução de deixar o Cinema.

Será que ella fará mesmo isso, retirando-se quando mais celebre e mais famosa? Perderá o Cinema uma das suas figuras mais extraordinarias? E a Metro-Goldwyn-Mayer um nome que significa exitos garantidos? O tempo, entretanto, dirá se para alegria de todos os seus **fans**, ella continua a brilhar no elenco da marca do Leão...

—

"Scarface" — o Film mais discutido dos ultimos tempos, teve a sua exhibição prohibida em New York e Chicago, em virtude da censura politica. Howard Hughes, porém, está lutando pelos tribunaes, afim de que a sua famosa producção possa ser passada nos Cinemas de New York, sem os córtes e o final modificado como elle foi obrigado a fazer, afim de satisfazer á junta de censores. O Film, porém, será exhibido em quarenta estados da união, tal qual foi feito. Apenas em oito estados existe censura politica. Los Angeles, ainda esta semana, em 21 de Abril, verá "Scarface" intacto. Os criticos tem feito uma campanha exhaustiva em favor da exhibição dessa pellicula e, a proposito, "Cinearte" publicará uma chronica sobre esse Film tão combatido. Paul Muni é o protagonista e nesse Film são reproduzidos varios factos veridicos, inclusive o celebre massacre de oito bandidos, executados por uma quadrilha rival, em Chicago, ha tempos... Howard Hughes, o mesmo productor de "Anjos do Inferno", assegurou, entretanto, que levou o caso para os tribunaes e ha de ganhar a causa, de cujo lado a imprensa tambem está.

—

"Rain" — que já vimos em versão silenciosa, com Gloria Swanson e que se intitulava "Seducção do Peccado" (Sadie Thompson) vae ser filmado, novamente, pela United Artists e com direcção de Lewis Milestone, agora productor e director associado da United.

A Metro-Goldwyn-Mayer emprestou Joan Crawford para o papel, tendo, porém, interesse nos lucros do Film, attendendo ao nome e á fama de Joan; o reverendo Davidson será creado por Walter Huston e, possivelmente, Matt Moore fará o papel que Raul Walth creou na versão muda, tambem por elle dirigida.

—

Foi fundada em Hollywood uma empresa, cujas bases é produzir bons Films, e que envolve varios nomes de prestigio e valor nos meios Cinematographicos, entre elles Mary Pickford, Cecil B. de Mille, etc. M. C. Levee, antigo chefe da Paramount, resignou o cargo que occupava e dedicará, de agora em deante, toda a sua actividade á nova companhia. Esta produzirá nas bases de associação — isto é, o director, scenarista, artistas trabalham, por um ordenado estipulado, recebendo parte em dinheiro e parte em acções. Os lucros serão divididos em partes equivalentes aos interesses de cada um no Film. Assim, se a producção fôr um grande successo, os que forem causa desse exito verão os seus esforços premiados e cada qual, tendo interesses, fará tudo para que a tarefa que lhe entregaram seja executada com toda a perfeição. Dessa maneira, seguramente, os resultados serão optimos — com a reunião de todos os elementos trabalhando de commum accordo para um unico fim — a perfeição absoluta. "**Screen Guild**" foi o nome dado a nova companhia, cujo capital é elevado e que terá os seus productos distribuidos por uma grande empresa, cujo nome ainda não foi divulgado.

CARY GRANT
CINEARTE